

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ OLIVEIRA MARINHO DOS SANTOS

BIG LITTLE LIES: análise e proposta de intervenção cognitivo-comportamental para casos de violência conjugal contra as mulheres

São Luís

2019

BEATRIZ OLIVEIRA MARINHO DOS SANTOS

BIG LITTLE LIES: análise e proposta de intervenção cognitivo-comportamental para casos de violência conjugal contra as mulheres

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Bruno Luiz Avelino
Cardoso

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães
Cardoso de Sá

São Luís

2019

Santos, Beatriz Oliveira Marinho dos.

Big Little Lies : análise e proposta de intervenção cognitivo-comportamental para casos de violência conjugal contra as mulheres / Beatriz Oliveira Marinho dos Santos. - 2019.

102 f.

Coorientador(a): Lucas Guimarães Cardoso de Sá.

Orientador(a): Bruno Luiz Avelino Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2019.

1. Terapia Cognitivo-Comportamental. 2. Terapia de casal. 3. Violência conjugal. I. Cardoso, Bruno Luiz Avelino. II. Sá, Lucas Guimarães Cardoso de. III. Título.

BEATRIZ OLIVEIRA MARINHO DOS SANTOS

BIG LITTLE LIES: análise e proposta de intervenção cognitivo-comportamental para casos de violência conjugal contra as mulheres

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Bruno Luiz Avelino Cardoso (Orientador)
Universidade Federal de São Carlos

Prof^ª. Dr^ª. Catarina Malcher Teixeira (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Psic. Samily Natania Alves Meireles Aquino (Examinadora)
Mestranda em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Cândida Helena Lopes Alves (Suplente)
Universidade Ceuma

AGRADECIMENTOS

À minha adorada, *Dadá*, que sei que olha por mim. Obrigada por ter estado comigo ao longo dos meus 22 anos; por ser minha mãe; por me proporcionar carinho e ternura maternal; por ter feito todas aquelas deliciosas vitaminas matinais (outro dia eu escutei as duas batidinhas na porta); por ter cuidado de mim; por ter se preocupado; por ter estado lá por e para mim; por me ensinar algumas lições duras – e eu juro que preferia ter aprendido com a sua presença. Confesso que até hoje é difícil pensar no mundo sem você. A sua ausência é uma ferida profunda que, provavelmente, nunca cicatrizará por completo. Mas, as suas lembranças, de certo modo, acalentam meu coração, são um sopro de amor. O seu amor. Obrigada por ter me amado sem precedentes; por (ainda) me amar – como eu te amo. *Me rege, me guarda e me proteje.*

À minha maravilhosa mãe, *Marluce*, por ter se dedicado tão arduamente a mim; trabalhando noites a fio para me proporcionar, apesar de todas as dificuldades, as melhores oportunidades da minha vida; por cuidar de mim; por me mimar nos dias mais escuros; por estar lá por mim quando realmente necessário; por todas as massagens nas costas durante esse processo (risos); por me amar.

À minha amada avó, *Maria*, por me amar; por ter me acordado durante todos esses anos; por ser minha mãe “duas vezes”; por me fazer ser uma pessoa melhor no mundo; por me ensinar que o “primeiro marido é o estudo”; por me cobrar; por me proteger; por se disponibilizar; por ser minha confidente; por ter sido meu ponto de escape; pelo zelo e cuidado.

Ao meu doce e gentil namorado, *Rob*, por me aguentar; por levantar meu astral; por trazer meu riso e segurar meu pranto; por trazer frescor, calma e alegria para os meus dias; por me divertir; por confiar em mim; por acreditar em mim; por ser o meu porto seguro; por tentar me dar ao mundo, se eu pedir; por ser aquela pessoa com a qual eu quero compartilhar os momentos bons e os ruins; por escolher estar ao meu lado; por seu companheirismo; por me amar sem impor condições.

Ao *Prof. Bruno Cardoso*, por toda a disponibilidade e compreensão. Pela sinceridade. Pelo compromisso. Pela competência. Por acreditar que eu iria conseguir – quando nem eu acreditava. Pela exigência. Pela paciência.

Ao *Prof. Lucas Sá*, por toda a disponibilidade. Por, gentilmente, ter oferecido auxílio em um momento decisivo. Por ter aceitado ser coorientador deste trabalho. Por estar sempre disponível a tirar todas as nossas dúvidas (todos os orientados agradecem).

À minha tia, *Lindalva*, que, mesmo diante de todas as adversidades, consegue ser extremamente altruísta. Essa monografia realmente não teria acontecido sem os olhares atentos dela. Obrigada, de todo coração. Para sempre. Ao *Diego* e a tia *Suely*, por terem sido incrivelmente disponíveis. Agradeço imensamente a *Janaína*, que se dispôs a colocar esse trabalho no “eixo” certo, incansavelmente.

Às minhas primas-irmãs maravilhosas, *Giovana*, *Thaynan* e *Clara*. Vocês são mulheres inspiradoras. Obrigada por estarem comigo nessa caminhada; por me ouvirem; pelas críticas construtivas; por estarem sempre me incentivando a ir além; por me darem suporte; por estarem sempre dispostas a melhorar o que estivesse ruim no meu dia.

À minha empoderada e amiga, *Brenda*; ao meu bondoso e leal amigo, *Davi*; à minha linda e estudiosa amiga, *Isabela*. Obrigada por serem inspirações para mim. Obrigada por estarem comigo desde sempre. E, com certeza, para sempre.

Aos amigos de *Abraão*, *Alexandre*, *Rômulo*, *Fernando*, *Lacerda*, *Lívia* (obrigada, em especial, por ter ouvido minhas lamúrias sobre o projeto, sobre a própria monografia, sobre a vida de adulto), *Monalisa* e *Odecio*, toda a minha gratidão por terem sido companhia e fontes de sorrisos desde a escola. É lindo o fato de estarmos concluindo etapas todos juntos. Aos amigos do “*Grand Village*” por trazerem apoio. Obrigada especialmente a *Luidson* e *Saulo*, por terem sido extremamente prestativos quando solicitados.

Às amigas *Daniele*, *Jádna*, *Luana*, *Luciana*, *Paula*, *Thaís* e *Eloá*, obrigada por terem se mostrado apoio e incentivo, pela sororidade, pelas conversas. E *Hany*, obrigada pela disponibilidade. Pelas conversas sempre maravilhosas. Por levantar meu astral.

Aos amigos, *Amanda*, *Bia*, *Flavia*, *Fook*, *Julia*, *Larissa*, *Luanda* e *Thais*, obrigada por terem alegrado meus dias durante a graduação. Obrigada pela parceria. Pelos trabalhos. Pelos estresses. Por sermos excluídos juntos.

Agradeço aos meus filhos: *Filomena*, *Madureira*, *Bartolomeu* e *Arya Fulustreca Xani Stark*. Obrigada por me deixarem apertar vocês, incontáveis vezes. O meu coração agradece. E, *Mylla*, você foi e sempre será a melhor cadela que alguém poderia ter na vida. Obrigada pelas milhares de lembranças amáveis e alegres. Obrigada por ter sido o meu motivo para viver quando a depressão me pegou e eu não sabia o que estava acontecendo. Obrigada por estar comigo durante os primeiros anos da graduação. Obrigada pelos momentos de apreciação da lua e das estrelas. Nunca encontrei companhia melhor para isso.

Por fim, agradeço a todos que se mostraram empáticos e tornaram este trabalho possível de ser concretizado.

“Depois de sermos um, a gente tem que saber ser dois. Se botar à prova, confiança não pode falhar.”

Supercombo

RESUMO

Estudos apontam que 70% dos casos de agressões contra as mulheres foram cometidos por parceiros íntimos. Essa dinâmica violenta diz respeito ao conjunto de abusos e agressões que ocorrem no contexto das relações afetivas e amorosas de maridos e esposas ou de união estável. A violência conjugal traz consequências tanto para aqueles que estão diretamente envolvidos como para a sociedade em geral. O presente estudo teve como objetivo analisar o processo da violência conjugal contra as mulheres, sob a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental, a partir da análise da série “Big Little Lies”. Sendo assim, as cenas de interação entre os personagens Celeste e Perry foram mapeadas; a partir disso, aquelas que fossem pertinentes para o preenchimento do Diagrama de Conceitualização Cognitiva com Casais foram selecionadas; e foi aplicado um questionário com especialistas em terapia cognitivo-comportamental e violência. Também foi proposto um modelo de intervenção cognitivo-comportamental para o casal Celeste Wright e Perry Wright. Os dados acerca da caracterização da violência apontaram a prevalência da violência física, seguida da violência psicológica e constou um episódio de violência sexual. Em relação ao preenchimento do Diagrama de Conceitualização Cognitiva com Casais, foi identificado que muitas crenças, regras, expectativas e estratégias de enfrentamento do casal contribuíram para a manutenção da dinâmica violenta. A partir de um levantamento da literatura, a possibilidade de intervenção foi organizada em 5 etapas: etapa inicial; etapa intermediária 1 (nível individual); etapa intermediária 2 (nível conjugal); etapa final e etapa de *follow-up* – sendo que essa última assumiu diferentes objetivos, a depender da dissolução ou prosseguimento do laço conjugal. Discutiu-se que tanto Celeste como Perry desempenharam comportamentos e adotaram estratégias de enfrentamento prejudiciais para o casamento e, à certa medida, contribuíram para a dinâmica violenta da vida conjugal. Em adição, foi feita uma discussão sobre como os processos cognitivos do casal contribuem para a manutenção da violência. Portanto, discutiu-se o viés relacional adotado na intervenção, tendo em vista a responsabilidade de cada cônjuge pelo padrão de crenças e comportamentos desadaptativos estabelecido na dinâmica conjugal.

Palavras-chave: Violência conjugal. Terapia Cognitivo-Comportamental. Terapia de casal.

ABSTRACT

Research indicates that 70% of aggression cases against women were committed by intimate partner. This violent dynamic concerns the set of violences which happens in the context of affective and love relationships of husbands and wives or stable unions. The spouse abuse brings consequences as much for those who are directly involved as for the society in general. This study had as purpose analyse the marital violence procedure against women, under the cognitive behavior therapy from the analysis of "Big Little Lies". Thus, the interaction scenes between the characters Celeste and Perry were mapped; from this, the relevant scenes for fill the Cognitive Conceptualization Diagram with Couples were selected; and was applied a questionnaire with Cognitive-Behavior Therapy and violence specialists. A Cognitive-Behavioral intervention model was also proposed for the couple Celeste Wright and Perry Wright. Data on the characterization of violence pointed to the prevalence of physical violence, followed by psychological violence and included an episode of sexual violence. In relation to fulfillment of the Cognitive Conceptualization Diagram with Couples, it was identified that a lot of the couple's beliefs, rules, expectations and confront strategies contribute for the violent dynamic's maintenance. From a survey of cognitive behavior literature, the possibility of intervention was organized in 5 stages: inicial stage, intermediate 1 stage (individual level), intermediate 2 stage (marital level), final stage and follow up stage – which this last one can assume different goals, depending of the marital bond dissolution or continuation. It is argued that as Perry as Celeste perform behaviors and make use of confronting strategies which are damaging for the marriage and, to a certain extent, contribute for the violent dynamic from the marital life. In addition, there was a discussion about how the couple's cognitive processes contribute to the maintenance of violence. Therefore, the relational bias adopted in the intervention was discussed, considering the responsibility of each spouse for the pattern of cognitive and maladaptive behaviors established in the marital dynamics.

Keywords: *Marital violence. Cognitive-behavior therapy. Couple therapy.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclo da violência por parceiro íntimo.....	27
Figura 2 – Diagrama de Conceitualização Cognitiva para Casais.....	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distorções cognitivas.....	34
Quadro 2 – Respostas das especialistas.....	44
Quadro 3 – Encaminhamento das especialistas.....	51
Quadro 4 – Possibilidade de intervenção para casos de violência conjugal contra as mulheres.....	52
Quadro 5 – Possibilidade de <i>follow-up</i> para casos em que há dissolução do relacionamento..	54
Quadro 6 – Cenas de interação mapeadas entre Celeste Wright e Perry Wright.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cenas com presença de violência conforme a Lei Maria da Penha (2006).....	43
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACT	Terapia de Aceitação e Compromisso
NVDRS	National Violent Death Reporting System
OMS	Organização Mundial de Saúde
TREC	Terapia Racional Emotiva Comportamental
UNFPA	Fundo de Populações das Nações Unidas
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	Violência contra as mulheres.....	20
2.1.2	<i>Violência doméstica.....</i>	23
2.2	Violência por parceiro íntimo e conjugal contra as mulheres.....	24
2.3	Terapia Cognitivo-Comportamental.....	29
2.3.1	<i>Terapia Cognitivo-Comportamental para casais.....</i>	32
3	OBJETIVOS.....	39
3.1	Geral.....	39
3.2	Específicos.....	39
4	METODOLOGIA.....	40
4.1	Delineamento do estudo.....	40
4.2	Descrição da série.....	40
4.3	Procedimento.....	40
5	RESULTADOS.....	43
5.1	Caracterização da violência na interação do casal protagonista.....	43
5.2	Conceitualização cognitiva do casal.....	44
5.2.1	<i>Descrição do caso.....</i>	46
5.3	Possibilidades de intervenção.....	51
6	DISCUSSÃO.....	56
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DA SÉRIE.....	80
	APÊNDICE B – CENAS DE INTERAÇÃO MAPEADAS ENTRE CELESTE WRIGHT E PERRY WRIGHT.....	82
	APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DAS CENAS ENTRE CELESTE WRIGHT E PERRY WRIGHT.....	83
	ANEXO A – DIAGRAMA DE CONCEITUALIZAÇÃO COGNITIVA PARA CASAIS (CARDOSO, 2018)	96
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM ESPECIALISTAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é um problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos, pois interfere de forma negativa na saúde física e psicológica, na liberdade e no contexto social das mulheres que se encontram em tal condição (BRASIL, 2011; WHO, 2013). Esses abusos assolam a sociedade sem estipular precedentes, tendendo a atingir mulheres de quaisquer classes sociais, etnia, religião, idade ou posição profissional (KRUG *et al.*, 2002).

No Brasil, o avanço na problematização quanto ao fenômeno da violência contra as mulheres resultou na criação de leis específicas para coibir, advertir e intervir nesses casos, como a Lei Nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006), conhecida como Lei Maria da Penha, que tipifica a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral contra as mulheres. Além dessa, há a mais recente Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015 (BRASIL 2015), chamada de Lei do Feminicídio, versando sobre o homicídio de mulheres – quando há qualificadores como a violência doméstica/familiar e o menosprezo e discriminação à condição de mulher – e reconhecendo esse tipo de crime como um delito específico e hediondo.

No entanto, ainda que haja, estabelecida por lei, a garantia de respeito e dignidade às mulheres, um longo hábito de opressão impede a expressão concreta desses direitos (BEAVOUIR, 2016). Desse modo, a violência contra as mulheres acaba sendo validada por uma cultura que naturaliza esse fenômeno e, conseqüentemente, não dispensa a devida importância a esse problema. Estimativas globais indicam que uma em cada três mulheres sofreram violência física e/ou sexual por terceiros ou por parceiros íntimos (WHO, 2013). Já no Brasil, durante o ano de 2016, 66% dos brasileiros presenciaram alguma mulher sendo violentada (INSTITUTO AVON; DATAFOLHA, 2016).

No mundo, a violência por parceiro íntimo tem sido uma causa recorrente de mortes de mulheres, tendo em vista que, em 2002, de 40% a 60% por cento das mulheres foram mortas por um parceiro (KRUG *et al.*, 2002). Em 2016, até 38% dos assassinatos de mulheres foram cometidos pelo parceiro íntimo (WHO, 2013). No Brasil, para as jovens e adultas de 18 a 59 anos, o perpetrador principal é o parceiro ou ex-parceiro (WAISELIZ, 2015).

Apesar das estatísticas, ressalta-se que a verdadeira dimensão da violência contra as mulheres prossegue à surdina, já que é suscetível à subnotificação e as estatísticas se pautam em pesquisas populacionais baseadas em autorrelatos (OMS, 2012). Além disso,

quando a agressão e o homicídio são notificados, eles podem ser classificados de forma equivocada quando inscritos em registros oficiais, já que as causas, muitas vezes, são atribuídas a quedas e acidentes (OMS, 2014). A esse respeito, destaca-se a carência de dados, embora haja um interesse crescente da comunidade científica em subsidiar estudos que possam servir de base para a criação e manutenção de políticas públicas voltadas a essa problemática (BRASIL, 2011; OMS, 2014).

A externalização da violência que ocorre no contexto conjugal ainda fica subjugada ao medo, à vergonha, à represália social, ao equívoco dos sistemas e ao que é dito socialmente como obrigação do casal e, principalmente, obrigação das mulheres (CARDOSO; COSTA, 2019a; SINCLAIR, 2010). Outro agravante diz respeito ao fato de o autor da violência conviver e conhecer os hábitos, desejos e personalidade da mulher agredida, deixando-a mais vulnerável aos ataques perpetrados (TELES; MELO, 2012).

Da carência de informações, existe, portanto, a necessidade da disseminação de conhecimento sobre a violência conjugal contra as mulheres, para que a sociedade possa reconhecer tais situações. Muitas vezes, as mulheres assoladas pela violência não se percebem dentro desse fenômeno. Outras vezes, as mulheres, ainda que tenham consciência da situação que se encontram, escolhem permanecer nesse relacionamento conjugal (D’AFFONSECA; WILLIAMS, 2017).

Independente do cenário, sem intervenção e sem compromisso do casal com a mudança, a violência conjugal se prolonga por tempo indeterminado (DATTILIO, 2011; O’LEARY, 2008). Desse modo, é importante – após garantias de segurança para os dois cônjuges e sem esquecer limites e deveres éticos – que haja a intervenção visando minimizar o impacto da violência na saúde física e mental; analisar variáveis que influenciam na ocorrência e manutenção dos abusos, como, a exemplo, déficits nas habilidades sociais conjugais, a ausência de empatia, crenças desadaptadas; de modo a fazer com que o casal possa romper tal dinâmica dentro de seu relacionamento (CARDOSO, 2018; CARDOSO, DEL PRETTE, 2017; D’AFFONSECA; WILLIAMS, 2017; SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009).

Dentro de tais contextos, a Terapia Cognitivo-Comportamental, como um modelo psicoterápico baseado em evidências de efetividade, fornece elementos para intervir tanto nos casos de crise no relacionamento quanto nos casos de violência conjugal (DATTILIO, 2011; MAHL; OLIVEIRA; PICCINI, 2016; MAIA; PADOVANNI; WILLIAMS, 2010; SANTINI; WILLIAMS, 2016). Deste modo, este trabalho visa analisar a violência conjugal contra as mulheres por meio dos pressupostos da Terapia Cognitivo-Comportamental e dos

elementos presentes na dinâmica de violência e abusos do casal Celeste Wright e Perry Wright, personagens da série *Big Little Lies* (HBO, 2017). Os dados coletados neste estudo pretendem fomentar reflexões sobre os caminhos e formas de intervenção vigentes para casos de violência conjugal, além de indicar a construção de um modelo de intervenção focal baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental para o casal Celeste Wright e Perry Wright.

Ressalta-se que a utilização de elementos audiovisuais, no caso o seriado de televisão, justifica-se quando esse recurso traz representações de situações da vida real (NICOLETTI, 2018). Quanto à violência conjugal, a análise da série “Big Little Lies” permite uma aproximação a uma realidade que, muitas vezes, prossegue velada, já que os casais em dinâmica violenta tendem a deixar seus problemas escondidos dentro de quatro paredes. De outro modo, a série se propõe a exemplificar em tela circunstâncias presentes na violência conjugal.

Destaca-se também que em filmes e séries, costumeiramente, ocorre a identificação dos espectadores com os personagens (EGECI; GENÇÖZ, 2017). Essa forma de reconhecimento pode ser utilizada como recurso terapêutico, pois ao observar histórias de superação diante de adversidades semelhantes aos seus, o cliente pode ser instilado de esperança e pode haver maior engajamento no processo de mudança. Ademais, a análise de séries e filmes possibilita a discussão sobre possíveis soluções para problemáticas enfrentadas pelos personagens, as quais podem se assemelhar aos entraves apresentados por um casal em processo de tratamento e mudança (CARDOSO; BARLETTA, 2018; EGECI; GENÇÖZ, 2017; HELSEY; HELSEY, 2001).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em uma relação conjugal, cada indivíduo leva para a relação suas concepções e crenças baseadas em experiências prévias de suas histórias de vida. Esses modos de processamento são reforçados pelo meio cultural no qual as pessoas se inserem e formam esquemas cognitivos específicos quanto a uma relação conjugal (CARDOSO; NEUFELD, 2018; WAGNER; MOSMANN; FALCKE, 2015). Diante dessa singularidade, frequentemente, as opiniões divergentes tendem a gerar conflitos na relação conjugal.

Uma das formas de lidar com os impasses, na conjugalidade, é por meio do diálogo e da negociação. Para isso, é necessária a flexibilidade, resolução de conflitos e comunicação entre o casal, resultando em amadurecimento da relação e ajustamento (CARDOSO, 2018; GOTTMAN; SILVER, 2015; NORGREN *et al.*, 2004). Por outro lado, o enfrentamento da situação problemática por outras vias, como ao se utilizar de formas violentas para silenciar seu companheiro e aquilo que vem a ser incômodo, costuma resultar em interações prejudiciais para o relacionamento (CARDOSO; COSTA, 2019a; WAGNER; MOSMANN; FALCKE, 2015).

Os desempenhos violentos são aprendidos durante determinadas fases do desenvolvimento como estratégias de resolução de conflitos (CARDOSO; NEUFELD, 2018). Essa aprendizagem, chamada de transmissão geracional, se constrói a partir da (a) observação do relacionamento parental, que pode ter como modelo de referência o relacionamento violento dos pais, perpetuando, assim, a agressão como forma de resolução de conflitos; (b) da forma de educação disciplinar propiciada por muitos pais, os quais justificam atos de agressão contra a criança visando alterar seus padrões de comportamento (CALVETE; ORNE, 2013); e (c) da flexibilidade e reforçamento da sociedade no que diz respeito às práticas culturais relacionadas à violência, como a própria penalidade física com o intuito disciplinar – justificadas com frases como “é para o seu bem” – que levam a associação entre violência e cuidado (CALVETE; ORNE, 2013; MURTA *et al.*, 2014). Straus e Yodani (2008) afirmam que uma criação com punições corporais ensina que é apropriado atingir fisicamente pessoas que estão agindo de forma incoerente a determinados valores ou que não estejam se comportando adequadamente. Sendo assim, transmissão geracional da violência indica que o indivíduo tende a herdar esquemas cognitivos que contribuirão para a constituição de sua identidade enquanto autor ou receptor da violência (SANTOS *et al.*, 2013).

O ciclo da violência, nessa perspectiva de transmissão, ocorre de duas formas: vertical ou horizontal. A influência horizontal compreende as violências presentes no meio no

qual a família está inserida e pode ser atingida direta ou indiretamente, tal qual um indivíduo inserido em uma comunidade marcada pela vulnerabilidade social e pela criminalidade. Já a transmissão vertical acontece justamente na relação entre pais e filhos. Ou seja, a utilização da violência como forma de resolução de conflito pode ser um reflexo de uma herança familiar violenta, assim como um modelo de relacionamento que se deseja evitar pode ter raízes no contexto histórico e familiar (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

Conforme Dattilio (2011), as estruturas cognitivas referentes a um relacionamento são desenvolvidas desde a infância, a partir da influência dos pais, cultura e das experiências. Dentre outras implicações, isso quer dizer que indivíduos que presenciaram a violência entre os pais têm maior risco de apresentar comportamentos delinquentes, antissociais, bem como maior probabilidade de se tornarem perpetradores ou serem a parte agredida em um relacionamento íntimo (D'AFFOSENCA; WILLIAMS, 2017; KRUG *et al.*, 2002; MIRANDA; PAULA; BORDIN, 2010; OMS, 2014; ROBERTS *et al.*, 2010). Um estudo realizado no Texas, por Franklin e Kercher (2012), com uma amostra de 502 indivíduos que estivessem em um relacionamento romântico há pelo menos 24 meses, entre homens e mulheres, buscou investigar a transmissão intergeracional da violência e avaliar o impacto dessa experiência na família de origem sobre a violência e a vitimização por parte do parceiro íntimo adulto. Conforme os resultados, 32,8% dos entrevistados relataram terem testemunhado violência física entre os pais e 79,4% da amostra relatou ter sofrido algum tipo de punição física na infância.

No Brasil, Gadoni-Costa, Zucatti e Dell'agio (2011), em pesquisa documental, buscaram caracterizar os atendimentos feitos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher da região metropolitana de Porto Alegre. Como resultado, as autoras identificaram que 57% dos autores da violência e 47% das mulheres atendidas relataram históricos de violência na família de origem.

Além dos modelos parentais e da transmissão geracional, existem outros fatores de risco relacionados à existência da violência contra as mulheres na conjugalidade, configurando, assim, as agressões contra as parceiras como multicausais (GARCÍA-MORENO *et al.*, 2005; KRUG *et al.*, 2002). As características da personalidade dos cônjuges, as características do próprio relacionamento (como a dificuldade na comunicação), vivências infantis de maus tratos e negligência, são importantes fatores para a presença da violência na relação (ROSA; FALCKE, 2014).

De acordo com Paim, Madalena e Falcke (2012), em pesquisa realizada com 163 adultos, os esquemas de desconfiança/abuso, emaranhamento, autossacrifício,

grandiosidade/arrogo e autocontrole/autodisciplina insuficientes se associaram tanto à perpetração da violência como à posição de parte agredida. Em relação às características do relacionamento, segundo Norgren *et al.* (2004), a comunicação, por exemplo, é uma das variáveis que se associam à satisfação conjugal em casamentos de longo prazo. Além disso, Cardoso e Costa (2019b) relataram que o repertório de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência foi considerado deficitário. Fang e Corso (2007), em pesquisa com 9368 participantes, apontam que crianças que foram expostas a vivências de maus tratos são mais propensas a perpetrar a violência na adolescência e na vida conjugal. Ademais, em outra pesquisa, os autores encontraram que a negligência e o abuso físico, na infância, são fortes preditores de violência conjugal para as mulheres. Diante do exposto, é imprescindível que a violência conjugal seja analisada dentro de uma ótica multifatorial, tendo em vista as variáveis individuais, culturais e sociais combinadas (GARCÍA-MORENO *et al.*, 2005; KRUG *et al.*, 2002; RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

É importante destacar também a função que papéis e estereótipos sociais, atribuídos às mulheres, desempenham na violência conjugal. Durante toda as suas experiências de vida, as mulheres tendem a ser treinadas a assumir e manter um papel pautado na vitimização. Crenças sociais sobre os ideais postos a respeito do ser mulher, a privacidade do lar, o modelo ideal de família e a própria culpabilização das mulheres agredidas são alguns aspectos que contribuem para a violência conjugal contra as mulheres e principalmente para perpetuar a agressão, em silêncio (KRUG *et al.*, 2002; OLIVEIRA; SOUZA, 2006; SINCLAIR, 2010).

Para o sexo masculino, entretanto, a partir de um contexto patriarcal, existe a possibilidade de o homem exercer o poder disciplinar diante do que considera inadequado (IOP, 2009; JACOBUCCI, 2004; SINCLAIR, 2010). Tal afirmação se legitima em expressões como “em brigas de marido e mulher, ninguém mete a colher” ou “roupa suja se lava em casa” as quais circulam pelos lares e alicerces culturais e contribuem para uma realidade na qual esse tipo de violência acaba sendo justificado, banalizado e segue à surdina, em razão de uma cultura que preconiza a dominação masculina, favorece o espaço da violência conjugal contra as mulheres e encontra respaldo na ideia do espaço privado do casal (SINCLAIR, 2010; TELES; MELO, 2012).

2.1 Violência contra as mulheres

Conflitos entre tribos primitivas, dominação inerente às colonizações, guerras expansionistas ou “santas” ou assalto à mão armada: a violência, desde os tempos mais primitivos até os dias atuais, permeia a experiência do ser humano na vida em sociedade (DAHLBERG; KRUG, 2006; MINAYO, 2006; REIMER; SOUZA, 2018). Esse fenômeno se configura como multicausal e pode ser analisado através de diversos ângulos: seja pelo recorte jurídico, social, psicológico, dentre outros (PAVIANI; 2016; PEREIRA; WILLIAMS, 2010). Conforme Minayo (2006) em virtude da complexidade e diversidade do tema, inúmeras são as definições e explicações para a violência. Neste trabalho, entretanto, será adotado o conceito proposto pela Organização Mundial de Saúde que define a violência como

uso intencional da força física ou poder em forma de ameaça ou praticada contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de provocar machucados, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002).

De acordo com Paviani (2016), a violência assola os países de formas diferentes, modifica-se através do tempo e varia conforme a cultura. Estudos quantitativos comprovam que a violência urbana no Brasil, por exemplo, é diferente da violência presente na Síria – país que tem instaurada uma guerra civil –, tendo em vista que estimativas referentes a “homicídios” e “mortes por conflito” dos dois países são significativamente diferentes (WHO, 2018). Assim como as características da violência durante o período colonial do Brasil são diferentes daquelas encontradas na violência urbana que se tem atualmente em território nacional. Isto porque cada país, a cada período, possui uma conjuntura social diversificada. No entanto, há determinadas formas que estão presentes em todas sociedades: uma delas é a violência direcionada às mulheres (MINAYO, 2009).

Na Grécia Antiga, as mulheres eram consideradas seres inferiores. Enquanto os homens podiam exercer a vida pública, às mulheres era delegada às funções e direitos restritos à criação dos filhos e à vida familiar. Na Idade Média, em razão do fervor religioso, o estereótipo dado às mulheres era associado ao mal, à tentação e ao pecado (VASCONCELOS, 2005).

Dando um salto no tempo, em 1762, Rousseau enfatiza o confinamento da mulher ao espaço doméstico e destaca a inferioridade do sexo quando se propõe a fazer mais do que o cuidar dos filhos e da família:

(...) desde que se tornaram os árbitros da literatura, desde que se puseram a julgar os livros e a fazer livros à força, não conhecem mais nada. Os autores que consultam as sábias acerca de suas obras podem ter certeza de ser mal aconselhados; os galantes que as consultam sobre seus adereços estão sempre ridiculamente vestidos (ROUSSEAU, 1995, p. 405).

Tais concepções se estenderam por séculos, e as mulheres ficaram relegadas a posições de subserviência e à tutela dos homens – inicialmente do pai, posteriormente do marido (BEAUVOIR, 2016; BORDIEU, 2010). No ambiente privado da vida conjugal, as mulheres deveriam seguir aos desejos dos seus maridos. Esses, por sua vez, poderiam matá-las, caso fossem traídos ou ocorresse algo que julgassem como comportamento que fere a “honra da família” (IOP, 2009). A violência contra as mulheres, de tão comum, passava despercebida e se transmitia como natural (GOMES *et al.*, 2013).

Tal conjuntura ilustra a condição de objeto na qual as mulheres se encontravam. Os abusos que ocorriam dentro de casa e no seio da família eram tolerados pela sociedade (IOP, 2009; JACOBUCCI, 2004). Somente em meados do século XX, com a expansão de uma reflexão crítica feminista, o problema da violência contra as mulheres foi trazido a público e questionado (O’LEARY, 2008; JACOBUCCI, 2004). Antes disso, profissionais de saúde mental, terapeutas de casais e famílias e a sociedade, de modo geral, não direcionavam atenção tão diretiva as diversas formas de violências contra as mulheres, principalmente quando a violência era perpetrada pelo marido (O’LEARY, 2008).

Hoje, entretanto, a violência contra as mulheres é tipificada. Conforme o Art. 1º da Convenção de Belém do Pará (BRASIL, 1996), ela é definida como “qualquer ato ou conduta, baseada no gênero, que venha a causar morte, dano ou sofrimento físico, psicológico ou sexual à mulher, tanto na esfera pública ou privada”. A expressão “violência contra as mulheres”, a partir de tais pressupostos, torna-se dotada de vários significados, podendo se referir às violências por parceiros íntimos, pelos maridos, por pais, por irmãos, o estupro, o assédio sexual no trabalho, o abuso sexual de meninas, o tráfico, a mutilação sexual feminina, dentre muitas outras formas de violência contra a mulher (SCHRAIBER; D’OLIVEIRA, 1999).

Entre 2003 e 2015, o *National Violent Death Reporting System* (NVDRS), sistema implantado nos Estados Unidos da América, notificou 6.131 mortes por violência entre parceiros íntimos – o que daria, em média, 510 mortes por ano. Dos números encontrados, as mulheres foram as mais atingidas por esse tipo de violência (VELOPOLUS *et al.*, 2019). Na metade da década passada, 43% das mulheres brasileiras tinham sofrido algum tipo de violência em algum momento de suas vidas (VENTURI; RECAMÁN, 2004). Quanto à violência física, no ano de 2016, 503 mulheres foram agredidas fisicamente, a cada hora (INSTITUTO AVON; DATAFOLHA, 2016).

Conforme a Lei Maria da Penha, de 2006, a violência contra as mulheres pode ser tipificada como

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

Dentro do cenário da violência, estudos revelam que homens e mulheres são atingidos de formas diferentes por esse fenômeno: enquanto os homens são mais atingidos pela violência em espaços públicos, as mulheres costumam ser agredidas no espaço doméstico (BRASIL, 2011; GARCÍA-MORENO *et al.*, 2005; KRUG *et al.*, 2002; OMS, 2014; OMS, 2012; WAISELFIZ, 2015). Desse modo, torna-se relevante compreender a violência doméstica.

2.1.2 Violência doméstica

A expressão “violência doméstica” muitas vezes é usada para se referir à violência contra as mulheres, mas pode ser direcionada a outras pessoas como a crianças e idosos, empregadas domésticas, além de pais e mães (SAFFIOTI, 1999). Nesse sentido, pode ser confundida com a violência intrafamiliar – cuja definição transcende o espaço físico. Não obstante, em ambas as definições, a maioria das incidências é perpetrada contra as mulheres adultas (TELES; MELO, 2012).

A violência doméstica contra as mulheres ganhou foco com os movimentos feministas e a nomenclatura de “violência doméstica” trouxe à tona o quanto o lar seria um ambiente propício a diferentes formas de abusos contra a mulher (TELES; MELO, 2012). De

acordo com dados do Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA) a violência doméstica era a principal causa de morte e deficiência em mulheres de 16 a 44 anos. Conforme esse estudo, em 2011, o Brasil era um dos países que mais sofria com a violência doméstica, estando 23% das mulheres brasileiras sujeitas a esse tipo de abuso (UNFPA, 2011). Quanto a violência sexual, 71,9% dos casos registrados no Brasil ocorriam no espaço doméstico (BAIGORRIA, 2017).

O impacto disso se reflete tanto nos prejuízos à saúde das envolvidas, quanto na economia: nos Estados Unidos, os gastos chegam a US\$ 8,5 bilhões anuais (OMS, 2014); no Brasil, a perda anual em virtude do absenteísmo de mulheres que sofrem com a violência chega a 975 milhões de reais (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017). Além disso, a violência contra as mulheres ocasiona queda de produtividade; absenteísmo; perda de capital humano; gastos com os custos relacionados à previdência social; maiores investimentos tanto para os serviços de saúde quanto para viabilizar as respostas da justiça criminal (MIRANDA; PAULA; BORDIN, 2010; OMS, 2014).

O principal perpetrador desse tipo de violência é, mais comumente, o parceiro íntimo (GARCÍA-MORENO, *et al.*, 2005; OMS, 2014; WHO, 2013). De acordo com estudos da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2013), pelo menos um terço das mulheres, em todo o mundo, que já estiveram em um relacionamento afetivo, reportaram terem sofrido violência física e/ou sexual perpetrada por um parceiro íntimo.

2.2 Violência por parceiro íntimo e conjugal contra as mulheres

Estimativas populacionais indicaram que a maioria das mulheres, na faixa etária entre 15 a 49 anos, já sofreu, pelo menos uma vez na vida, algum tipo de abuso físico perpetrado por parceiro íntimo (OMS, 2012). No Brasil, em pesquisa feita em 24 capitais brasileiras e no Distrito Federal, compreendendo 86 serviços de urgência e emergência, as mulheres, na idade adulta, foram os principais alvos da violência familiar que ocorreu em âmbito doméstico, normalmente efetuada pelo parceiro íntimo. Destaca-se ainda que 73,1% foram agredidas por espancamento ou uso exacerbado de força física (AVANCI; PINTO; ASSIS, 2017). Essa forma de violência tem sido um drama vivido cotidianamente e extremamente banalizado.

Conceitualmente, a violência por parceiro íntimo diz respeito aos comportamentos de abuso físico, sexual, emocional e/ou comportamentos controladores que um parceiro íntimo ou ex-parceiro, durante a relação ou após o seu fim, perpetra contra a parceira,

independentemente de coabitação (BRASIL, 2006; OMS, 2012). No que se refere à violência sexual contra as mulheres, estudos indicaram que a maior parte das agressões também foram cometidas por parceiros íntimos, em comparação com perpetradores conhecidos e desconhecidos (BAIGORRIA, 2017). Quanto ao feminicídio, em 2013, 38,6% de todos os homicídios de mulheres foram perpetrados pelo parceiro íntimo (STÖCKL, *et al.*, 2013).

Outra forma de expressão da violência por parceiro íntimo é a violência conjugal contra as mulheres, sendo essa última definida como o conjunto das violências que ocorrem no contexto das relações afetivas e amorosas de maridos e esposas ou de união estável – uniões com duração de mais de cinco anos, conforme previsto no Art. 226 da Constituição Federal de 1988 e na Lei Nº 8971/94 (BRASIL, 1988; BRASIL, 1994; MACARINI; MIRANDA, 2018). Em números, a violência conjugal se manifesta no fato de que 70% dos homicídios de mulheres foi perpetrado pelos maridos ou companheiros (UNFPA, 2011). Destaca-se ainda que a violência conjugal pode ocorrer em qualquer classe socioeconômica, idade, tempo de relacionamento, descendência, orientação sexual (COLOSSI; FALCKE, 2015).

Esses dados podem ser analisados também a partir de uma perspectiva de gênero, sendo a violência contra as mulheres, principalmente por parceiro íntimo, compreendida como um instrumento de afirmação de relações de poder: dominação do homem e submissão da mulher (TELES; MELO, 2012). Tal desequilíbrio é construído social e historicamente entre homens e mulheres e se perpetua na sociedade, fomentando condutas e crenças específicas acerca dos sexos (GOMES; MINAYO; SILVA, 2005; ALENCAR-RODRIGUES; CANTERA, 2012). Além disso, é justamente por causa desse forte componente cultural que a agressão contra as mulheres não é um problema facilmente superável e controlável a partir de leis e normas, tendo em vista que, até certo ponto, a sociedade naturaliza essa forma de violação de direitos humanos (CARDOSO; BERTHO; PAIM, 2019).

É pertinente salientar o dinamismo da violência na conjugalidade. Em outras palavras, isso quer dizer que autores de violência e alvos de agressões podem trocar de posições: um mesmo parceiro pode agredir e, em outro momento, ser o alvo da violência (COLOSSI; FALCKE, 2013; 2015). Tal fato, entretanto, não descarta a forte influência da cultura patriarcal que vigora na sociedade e, por consequência, na vida conjugal. Por outro lado, expõe a interação do casal no fenômeno da violência (COLOSSI; FALCKE, 2015).

A experiência da violência conjugal, por mais velada que seja, deixa sérias marcas no bem-estar emocional e social das mulheres e de toda a família. Ressaltam-se os prejuízos nas competências parentais; consequências negativas nas atividades relacionadas ao labor;

problemas comportamentais e emocionais nas crianças que se desenvolvem na situação de violência conjugal, o que resulta em efeitos adversos também nos resultados educacionais (OMS, 2012).

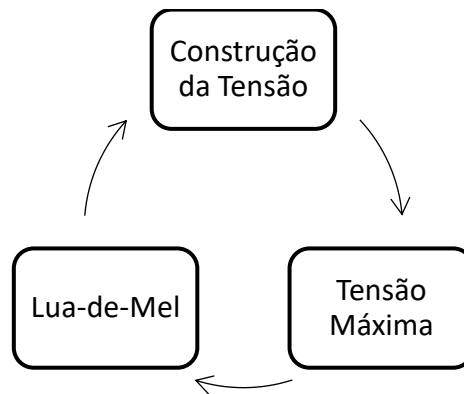
A mulher que foi agredida apresenta em seu corpo as marcas da condição em que se encontra. Diversos autores destacam que a violência traz consequências danosas à saúde física, tendo em vista as queixas de enxaqueca, problemas digestivos, dores musculares generalizadas e as lesões oriundas da agressão em si, como traumatismos, hemorragias, cortes, fraturas, dentre outros (OMS, 2014; GOMES; MINAYO; SILVA, 2005, WHO, 2002; WHO, 2005). No que se refere aos sintomas psicológicos, aponta-se a presença de insônia, irritabilidade, sentimento de culpa, baixa autoestima, medo, ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, estresse crônico, abuso de álcool/ou outras drogas (D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013; HOUSKAMP; FOY, 1991; MARINHEIRO; VIEIRA; SOUZA, 2006; MONTEIRO; SOUZA, 2007; OMS, 2012; OMS, 2014.).

De acordo com Walker (2009), o ciclo da violência se constitui em três fases: 1) Construção da tensão; 2) Tensão máxima; 3) Lua-de-mel. Na fase de “Construção da Tensão”, há um aumento gradual da tensão. Gritos, humilhações, xingamentos, empurrões, destruições de objetos fazem parte desse momento. O casal tende a aceitar essa fase como algo natural do relacionamento a dois. Sendo assim, os incidentes que caracterizam essa fase ocorrem com bastante frequência. Aqui, a mulher costuma fazer todas as vontades do perpetrador da violência, visando acalmá-lo e evitar novos conflitos (WALKER, 2009; EVANGELISTA, 2017; FALCKE *et al.*, 2009).

Na fase de “Tensão Máxima”, há a descarga da tensão acumulada em um primeiro momento por meio de agressões físicas e verbais. A mulher já não consegue conter a raiva do homem, ainda que continue fazendo todas as vontades dele. Nessa fase, conforme Walker (2009), a mulher pode se retirar da presença do marido, com objetivo de evitar uma possível explosão por parte dele. É nessa fase que as agressões podem levar ao feminicídio (BRASIL, 2001; WALKER, 2009).

Na última fase, “Lua-de-mel”, o homem passa a demonstrar culpa e medo de perder a companheira. Pedidos de desculpas e promessas de mudança de comportamento estão presentes. A mulher acredita que essa será a última vez que será agredida. Em outras situações, tendo em vista esse ciclo já ter ocorrido com alguma frequência, a mulher tenta acreditar nas promessas de mudança, entretanto tem ciência de que é apenas uma questão de tempo que o ciclo se inicie comece outra vez (WALKER, 2009).

Figura 1 – Ciclo de violência por parceiro íntimo



Fonte: WALKER (2009).

A fase de lua de mel, no ciclo da violência, contribui para que a mulher permaneça na relação violenta (RAZERA; FALCKE, 2017; WALKER, 2009). Tendo em vista que, durante essa fase, o perpetrador da violência tenta minimizar o episódio violento e se mostra arrependido, de modo que a mulher, sentindo-se esperançosa pela mudança, acaba se submetendo à manutenção do relacionamento. Não obstante, por mais que esse ciclo se repita por inúmeras vezes e ainda que existam consequências graves relacionadas a ele, nem sempre a mulher se percebe dentro de uma situação de violência ou o quanto está sendo violentada (MONTEIRO; SOUZA, 2007). A ausência de percepção sobre o ciclo violento se desencadeia justamente pela criação de “regras cognitivas” e pela presença de crenças que sustentam a normalidade da violência conjugal (ALGARVES, 2018; CARDOSO, 2017; COUTO, 2013; DATTILIO, 2011; SINCLAIR, 2010). Sendo assim, a sociedade e os autores da violência legitimam a subordinação das mulheres e do papel dos homens como alguém que tem direito a corrigir, controlar e dominar “sua” mulher.

Além disso, outras questões permeiam a permanência de uma mulher em um relacionamento conjugal violento. Na sociedade, há a presença de frases como “mulher gosta de apanhar”; “se está apanhando é por que mereceu”. Este padrão da culpabilização das mulheres retira do perpetrador a responsabilidade do abuso e a coloca somente sobre quem é agredida.

A dependência emocional, conforme Bornstein (2006), também está relacionada à permanência das mulheres no relacionamento conjugal violento. Isto porque é possível que os cônjuges tolerem e pratiquem diversas condutas, desde ausência de atenção até mesmo ofensas e agressões, tendo em vista o medo do abandono e sentimentos de posse – inerentes à condição (BUTION; WESCHER, 2016). Segundo Arntz (2005), a dependência emocional se refere a uma necessidade de estar ligado emocionalmente a outra pessoa. Durante o

relacionamento, os indivíduos emocionalmente dependentes experienciam o temor intenso de serem abandonados (AIQUIPA-TELLO, 2015). Quando separados do companheiro, o indivíduo sente como se estivesse faltando uma peça vital para sua sobrevivência, além de solidão e vazio (ARNTZ, 2005).

Balduino, Zandonadi e Oliveira (2017), em uma revisão bibliográfica, também trazem como motivações das mulheres para a manutenção do relacionamento: a) dependência emocional; b) dependência econômica; c) valorização da família; d) idealização do amor; e) ausência de apoio social; f) medo de perder a guarda dos filhos; g) constrangimento perante a família e amigos; h) culpa; i) ausência de capacitação profissional; i) ameaças; j) baixa escolaridade.

Em uma pesquisa realizada por Gomes *et al.* (2013), profissionais de saúde relataram as razões mais frequentemente citadas por mulheres – atendidas em virtude da violência praticada pelos cônjuges – para dar prosseguimento à relação com o perpetrador. No estudo, comparece: a) ameaças do companheiro; b) envolvimento do companheiro com o tráfico de drogas; c) dependência econômica; d) dependência emocional; e) a ideia do casamento como indissociável; f) a naturalização do direito do homem sobre a esposa; g) vergonha.

Razera e Falcke (2017) pontuaram a dependência econômica e destacaram a naturalização da violência como estratégia de resolução de conflitos. As autoras explanaram que relações violentas na infância podem ser preditores de relações violentas na vida adulta, além de se relacionarem com a naturalização desse fenômeno. Quanto a isso, salienta-se a percepção dos cônjuges em relação aos episódios violentos, os quais são definidos muito mais como ações rotineiras inerentes à dinâmica dos relacionamentos do que como atos de extrema gravidade e passíveis de sanções legais (RAZERA; FALCKE, 2017).

Halket *et al.* (2013) destacaram que quanto mais dependente economicamente a mulher é do perpetrador da violência menos provável que ela consiga findar o relacionamento. Também elencaram o isolamento social como fundamental para a manutenção do relacionamento violento. De acordo com os autores, quando as mulheres se afastam de seus grupos sociais, acabam se distanciando de um apoio que, conforme Dutra *et al.* (2013), poderia ajudá-las a pensar sobre comportamentos alternativos à manutenção da violência e sobre o próprio rompimento com o parceiro.

Kim e Gray (2008) trazem como motivações a dependência financeira, a história de testemunha da violência parental, a saúde mental das mulheres e o papel da polícia e demais órgãos públicos. Quanto aos órgãos públicos, ressaltam que eles podem ser

determinantes tendo em vista que podem tanto prestar assistência quanto construir barreiras, visto que se as mulheres não se sentem protegidas pelos sistemas, há mais chances de elas decidirem dar prosseguimento à dinâmica conjugal violenta. Além disso, também elencaram a presença de sentimentos de medo, a crença de responsabilidade por essa violência e baixa autoestima como razões para a manutenção do relacionamento violento. No tocante a isso, Gomes *et al.* (2013) destacaram que, quanto mais fragilizada, menor a possibilidade de a mulher conseguir superar a violência.

Todas essas questões se relacionam com o grande número de mulheres que não denunciam ou não dão continuidade à denúncia e vivem cerceadas pelo medo. Quanto à decisão das mulheres em dar prosseguimento à vida conjugal com o autor da violência, é relevante trazer à tona a necessidade de uma intervenção na dinâmica dessa relação. Compreender, inclusive, não só o homem e a mulher como autor e pessoa agredida, respectivamente, mas como componentes de uma relação na qual um é afetado pelo comportamento do outro e são coautores no fenômeno da violência pela qual essa conjugalidade vem se constituindo (COLOSSI; FALCKE, 2013). Ademais, de acordo com Dattilio (2011),

(...) cada cônjuge precisa assumir total responsabilidade por seu próprio papel no ciclo de violência. O ofensor é fundamentalmente responsável por seus próprios comportamentos violentos. A vítima é responsável por tomar medidas para garantir a sua própria segurança, quer através da prevenção e de estratégias de evitação, quer fugindo de qualquer abuso potencial (p. 215).

É nesse contexto relacional que entra a Terapia Cognitivo-Comportamental com Casais, objetivando que cada parte perceba como contribui para a dinâmica do relacionamento (BARBOSA; PIOVESAN; BARLETTA, 2010). Isto é, ao tratar as cognições que contribuem para a continuidade da violência, recai-se não só sobre as responsabilidades do perpetrador dos abusos, mas também sobre qual o papel da mulher agredida em todo o processo que culmina na violência (DATTILIO, 2011).

2.3 Terapia Cognitivo-Comportamental

Durante a década de 1960, Aaron Beck iniciou um trabalho para testar a efetividade dos conceitos da psicanálise aplicados à depressão. De acordo com a teoria psicanalítica presente em Luto e Melancolia (FREUD, 1996), a depressão seria, dentre outras coisas, o resultado da raiva do sujeito voltada para si. Sendo assim, o conteúdo dos sonhos dos pacientes teria conteúdo hostil ou de autopunição. No entanto, o que Aaron Beck propôs

foi que o teor dos sonhos estava mais relacionado a distorções cognitivas negativas. Com uma maior ênfase das cognições, em especial aos pensamentos “automáticos”, Beck passou a ensinar seus pacientes a identificar, avaliar e responder aos pensamentos desadaptativos. A partir desse ponto, surgiu um modelo de intervenção para pacientes depressivos cujo foco estava nas cognições dos pacientes (BECK; ALFORD, 2011; BECK, 2013).

Os pressupostos da Terapia Cognitivo-Comportamental indicavam que cada pessoa teria um sistema cognitivo idiossincrático. Ou seja, as respostas emocionais e comportamentais eram influenciadas pela avaliação cognitiva que os indivíduos com depressão faziam dos eventos ocorridos em suas vidas e toda essa sistemática se constrói e se fortalece conforme as experiências vivenciadas, as quais são peculiares a cada um (BECK, 2013; KNAPP, 2004).

A aplicação desse modelo, na depressão, despertou o interesse dos pesquisadores para a possibilidade de expansão conceitual da Terapia Cognitivo-Comportamental para demais problemáticas e demandas. Novos estudos foram desenvolvidos e atestaram a aplicabilidade e dados baseados em evidência do modelo cognitivo para ansiedade (BECK *et al.*, BODEN *et al.*, 2012), transtorno obsessivo-compulsivo (CORDIOLI, 2008), transtornos alimentares (DUSCHENE *et al.*, 2007), ideação suicida (MARBACK; PELISOLI, 2014), transtornos de humor (POWELL, 2008), transtornos da personalidade (BECK; DAVIS; FREEMAN, 2015), entre outros (DOBSON; DOBSON, 2011; NEUFELD; AFFONSO, 2013).

Ainda sobre o modelo cognitivo utilizado na Terapia Cognitivo-Comportamental proposta por Aaron Beck, tem-se a identificação e o trabalho com três níveis de cognição: pensamentos automáticos, pressupostos subjacentes e crenças centrais. As crenças centrais, ou crenças nucleares, são ideias enraizadas e duradouras a respeito de si, de outras pessoas e do mundo (BECK, 2013; KNAPP, 2004). Essas crenças se constituem com as primeiras experiências do indivíduo e se fortalecem ao longo da vida, tornando-se, assim, enraizadas (KNAPP, 2004). Além disso, de acordo com Beck (2013), as crenças nucleares desadaptadas podem ser categorizadas em crenças de (a) desamparo; (b) desamor; (c) desvalor. As crenças de desamparo referem-se às crenças de impotência, fragilidade, vulnerabilidade; as crenças de desamor se associam às crenças sobre ser incapaz de ser amado, imperfeição, abandono; as crenças de desvalor, por outro lado, se liga às ideias de incapacidade, inadequação, fracasso.

Quanto as crenças intermediárias (ou pressupostos subjacentes ou crenças-regra), elas se definem como as regras e atitudes que se estabelecem durante a vida do indivíduo e guiam sua conduta (KNAPP, 2004). Essas crenças costumam estar na forma condicional, por exemplo, “se eu não for o melhor no meu trabalho, então sou um profissional incompetente”

ou descritivos diretos do que se deve fazer, por exemplo, “devo/tenho que ser respeitado de qualquer forma, independente do que eu faça”. De acordo com Knapp (2004), as crenças intermediárias mediam a relação entre as crenças nucleares e as estratégias compensatórias.

As estratégias compensatórias são estratégias que o indivíduo desenvolve para lidar com determinadas crenças ou esquemas desadaptados e se proteger do sofrimento emocional ocasionado quando elas estão ativadas (KNAPP, 2004; WENZEL, 2018). Ademais, de acordo com Beck (2013), as estratégias compensatórias, em geral, são comportamentos normais empregados pelos indivíduos. O que se observa, no entanto, é que eles se tornam problemáticos dependendo do contexto e do engajamento: o indivíduo tende a adotar dessas estratégias de forma excessiva em detrimento de comportamentos mais adaptativos (BECK, 2013; WENZEL, 2018).

Por fim, os Pensamentos Automáticos são considerados como o nível mais superficial de cognição, uma vez que são mais fáceis de acessar, modificar e, com treino, automonitorar. Normalmente, ocorrem de modo rápido e involuntário e são interpretações instantâneas das situações (KNAPP; BECK, 2008). É justamente nessas interpretações que podem ocorrer as distorções cognitivas (ver Quadro 1), que são erros no processamento da informação (BECK, 2013). De acordo com Beck (2013), quando não se está em sofrimento emocional, é possível fazer um exame crítico do conteúdo dos pensamentos automáticos. No entanto, quando existe um quadro de sofrimento, a tendência é que haja pouco ou nenhum engajamento nessa verificação da realidade e, dependendo do contexto, a ausência dessa avaliação ocasiona respostas cognitivas, emocionais e comportamentais desadaptativas (BECK, 2013). Sendo assim, modificações no conteúdo desses pensamentos, quando necessário, ocasionam melhora no humor (KNAPP, 2004).

Para compreender essa sistemática cognitiva e idiossincrática, o terapeuta deve se utilizar da Conceitualização Cognitiva, que fornece um “mapa cognitivo” (BECK, 2013, p. 220) do cliente. A Conceitualização Cognitiva pode ser feita através do Diagrama de Conceitualização Cognitiva, o qual vai abordar a história, padrões de pensamento, estratégias compensatórias, regras e crenças nucleares do paciente (KNAPP; BECK, 2008).

A Conceitualização é fundamental para o encaminhamento das sessões e do tratamento, tendo em vista que, se prescindida, o trabalho se torna uma aplicação de “técnicas por técnicas”, ou seja, acaba sendo descontextualizado da realidade do indivíduo e, portanto, ineficaz. Para ser coerente, a Conceitualização deve ser construída a partir de uma relação colaborativa entre terapeuta e cliente, além de compartilhada com esse último. Isto, pois, por se tratar de uma formulação hipotética, é necessário que ela seja avaliada e reavaliada durante

todo o processo terapêutico, de modo que todas as hipóteses sobre as cognições sejam validadas (BECK, 2013).

Deste modo, conforme Wenzel (2018), a Terapia Cognitivo-Comportamental é, atualmente, definida como um

programa de tratamento estratégico e personalizado que surge a partir da conceitualização cognitiva de caso da apresentação clínica de cada cliente e incorpora estratégias cognitivas, comportamentais e de aceitação, equilibradas com o cultivo e manutenção da relação terapêutica (WENZEL, 2018, p. 174).

Essa definição conceitual, proposta por Wenzel (2018), compreende as atuações tanto individuais, como para grupos ou outras configurações terapêuticas. Não obstante a Terapia Cognitivo-Comportamental tenha a sua criação voltada para o contexto de psicoterapia individual, hoje ela é aplicada e validada para várias modalidades, sendo uma delas a terapia para casais (CARDOSO; PAIM, no prelo; CARDOSO; NEUFELD, 2018; DATTILIO, 2011).

2.3.1 Terapia Cognitivo-Comportamental para casais

Entre 1960 e 1970, Albert Ellis trouxe importantes contribuições para o papel que as cognições desempenhavam nos conflitos conjugais (DATTILIO, 2011). Nesse período, os pressupostos da Terapia Racional Emotiva Comportamental (TREC), de Ellis, foram introduzidos na terapia com casais. Dentro dessa abordagem, os desajustes no relacionamento estariam ligados às crenças irrealistas que cada indivíduo tem acerca de seu parceiro e da relação e às avaliações extremamente negativas quando as interações não atendem a essas crenças (DATTILIO, 2011; PEÇANHA, 2005; PEÇANHA; RANGÉ, 2008). No entanto, conforme Dattilio (2011), como os focos da terapia familiar, à época, estavam direcionados aos padrões de interação familiar e em modelos causais circulares sistêmicos, a ênfase nas cognições individuais e a linearidade do modelo “ABC” foram consideradas incompatíveis com o modelo vigente de terapia familiar e com casais.

De igual modo, a TREC de Albert Ellis também não se encaixava nos moldes da terapia comportamental familiar, tendo em vista as incompatibilidades primordiais das duas teorias. Somente por volta da década de 1980, é que as cognições ganharam verdadeiro enfoque na terapia de casais e os terapeutas cognitivo-comportamentais passaram a pesquisar formas de avaliar e intervir no sistema cognitivo de famílias e casais (BAUCOM *et al.*, 2008; DATTILIO, 2011; PEÇANHA, 2005). Desenvolvia-se, assim, a Terapia Cognitivo-Comportamental com Casais a partir da adaptação e utilização com casais de procedimentos

oriundos do trabalho de Beck na psicoterapia individual (BAUCOM *et al.*, 2008; DATTILIO, 2004).

O modelo da Terapia Cognitiva-Comportamental com Casais compreende que, na vida conjugal, os aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais dos parceiros se inter-relacionam e impactam diretamente na qualidade do relacionamento (BAUCOM *et al.*, 2008). Dito de outra forma, as interpretações que os indivíduos fazem sobre as experiências em suas vidas os levam a emoções e comportamentos que podem ser indicativos de satisfação ou prejudiciais ao relacionamento. Há diversos tipos de cognições envolvidas no sistema cognitivo do casal (por exemplo: atribuições, expectativas, padrões), as quais são, inclusive, inerentes ao funcionamento humano. A distorção no processamento das informações, entretanto, para a abordagem cognitivo-comportamental, é o que pode gerar efeitos danosos e sofrimento ao indivíduo e à vida a dois (BECK, 2013; COUTO, 2013; DATTILIO, 2011; KNAPP, 2004; PEÇANHA, 2005). Algumas distorções cognitivas comumente encontradas em casais em desajuste são apontadas por Dattilio (2011) e Leahy (2006), e estarão ilustradas a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 – Distorções cognitivas

DISTORÇÃO COGNITIVA	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Pensamento dicotômico	É a interpretação os eventos, ou pessoas, em termos de “tudo ou nada”.	Uma esposa que pensa que nunca mais encontrará outra pessoa que lhe ame, caso deixe o marido.
Inferência arbitrária	É quando se faz conclusões sobre determinado evento sem haver evidências que comprovem essa conclusão.	Uma companheira que chega mais tarde do que o habitual em casa e o parceiro pensa “ela está me traindo com outros homens”, sem verificar outras possibilidades para o atraso como um acidente na avenida que ocasionou um grande engarrafamento.
Leitura de pensamento	Refere-se a “adivinhação” do que o(a) parceiro(a) está pensando sem que ele(a) expresse diretamente isso.	Um companheiro que acredita que a esposa está mais calada, há alguns dias, porque está infeliz com o relacionamento, quando, na verdade, ela está taciturna em razão de ter cometido um erro no trabalho.
Raciocínio emocional	É a interpretação os eventos com base nos próprios sentimentos.	Um homem que pensa “se eu tenho ciúmes, é porque minha esposa poderá ser infiel”.
Catastrofização	É quando o indivíduo acredita que o que aconteceu ou vai acontecer será insuportável.	Um homem que acredita que é preferível a morte do que aceitar que sua esposa lhe deixou.
Comparações injustas	É a interpretação dos eventos a partir de padrões irrealistas. O indivíduo se compara com pessoas que se saem melhor em algum aspecto da vida e conclui, então, que ele é uma pessoa inferior.	Um homem que acredita que sua esposa é mais bem-sucedida que ele.
Filtro negativo	O indivíduo foca exclusivamente em aspectos negativos, negligenciando a totalidade da situação.	Uma esposa que pensa não ter a capacidade de concluir tarefas com êxito.
Imperativos	É a interpretação os eventos em termos de “como eles deveriam ser” e não como eles são de fato.	Um marido que acredita que a esposa deveria estar sempre em casa, cuidando dos filhos. Como isso não acontece, acaba entrando em conflito com a esposa.

Quadro 1 – Distorções cognitivas

Rotulação	É a atribuição de traços negativos a si mesmo e aos outros.	Uma esposa que pensa: “não sou uma boa mãe” porque voltou a trabalhar e não se dedicará totalmente aos filhos e ao marido.
Supergeneralização	É a percepção de um padrão global de aspectos negativos com base em um único incidente.	Uma esposa não disse para o parceiro que o amava, como fazia toda noite. Então, o marido pensa “ela nunca diz que me ama”.
Personalização	É a atribuição, a si mesmo, de culpa desproporcional por eventos negativos e não consegue perceber que certos eventos são provocados por outras pessoas.	Uma mulher que acredita estar sendo agredida no casamento por sua culpa.
Atribuição de culpa	É a atribuição a outra pessoa as causas de seus problemas aliada ao fato de se recusar a assumir responsabilidades com a mudança.	Um marido que acredita que bate na esposa porque ela não o obedece.
Orientação para o remorso	Fixação do indivíduo às ideias de que poderia ter se saído melhor no passado, em vez de pensar no que pode fazer melhor no presente.	Um homem que ofende sua esposa frequentemente e foca-se no pensamento de que “não deveria tê-la ofendido”, em vez de tentar se comunicar de outra forma.
E se...	São os questionamentos do tipo “e se...” sem nunca ficar satisfeito com as respostas.	Uma mulher que pensa: “E se eu ficar sozinha? E se eu ficar desamparada? E se meus filhos me odiarem?”
Incapacidade de refutar	É quando o indivíduo refuta evidências que possam contradizer seus pensamentos negativos.	Uma mulher que rejeita qualquer evidência de que tem outras pessoas que gostam de si, fora seu marido.
Atenção Seletiva	É a seleção de informações enviesadas e que confirmam um pensamento distorcido, ignorando outros aspectos do evento.	Um homem, que acredita que as mulheres são responsáveis pelos afazeres domésticos, chega do trabalho, vê a casa desorganizada e pensa “trabalho o dia todo e ela não pode nem arrumar a casa”, embora a companheira tenha passado o dia cuidando do filho doente e tenha organizado alguns cômodos da casa.

Fonte: Definições adaptadas de Datillio (2011) e Leahy (2006) e exemplos elaborados pela autora deste estudo.

De mesmo modo que as distorções cognitivas, as crenças centrais e as intermediárias (regras) podem fundamentar os conflitos conjugais (PEÇANHA, 2005; PEÇANHA; RANGÉ, 2008). Dentro de um contexto de violência conjugal contra as mulheres, um homem que tem uma crença de desamor pode, por exemplo, ter uma regra na qual ele acredita que se controlar tudo o que a esposa faz, ela nunca irá abandoná-lo. Algumas estratégias compensatórias podem impedir a companheira de sair ou ligar frequentemente para saber o que ela está fazendo. Esse tipo de comportamento acaba sendo prejudicial tanto para o indivíduo quanto para a relação (CARDOSO; NEUFELD, 2018).

Algumas cognições que também podem influenciar na qualidade de uma relação conjugal são as atribuições, expectativas, suposições e padrões. As primeiras são explicações que cada indivíduo faz sobre as causas e razões para determinados comportamentos de seus parceiros (PEÇANHA; RANGÉ, 2008). Tais explanações, quando os parceiros estão em relacionamentos desadaptativos, tendem a ter um cunho negativo (DATTILIO, 2011). As expectativas são previsões sobre o comportamento futuro dos indivíduos. Normalmente, elas têm suas bases em eventos que já aconteceram, desse modo, tendem a ser difíceis de reestruturar. Além disso, conforme Dattilio (2011), ao fazer essas previsões, os indivíduos também costumam se comportar de modo a reforçar a dinâmica negativa do relacionamento – o que não gera nem mudanças nem previsões positivas sobre o relacionamento. As suposições são cognições que formam um modelo de como o companheiro e o relacionamento funcionam. Quando a percepção do indivíduo sobre o companheiro é enviesada negativamente, ele também tende a se comportar e a interpretar os eventos conforme essa crença (DATTILIO, 2011). Os padrões são baseados em crenças individuais sobre como as coisas devem ser, isso inclui como o parceiro deve se comportar e o que é apropriado para o relacionamento (PEÇANHA; RANGÉ, 2008). No entanto, avaliações do relacionamento baseadas em padrões irrealistas ou rígidos demais costumam ser prejudiciais à interação do casal (BAUCOM *et al.*, 2008).

Esses tipos de distorções, esquemas e crenças estão envolvidos nos desajustes e desacordos no relacionamento, assim como também influenciam em uma dinâmica conjugal violenta. Ressalta-se, mais uma vez, que tal dinâmica não tem somente o homem como ponto chave para os problemas, mas se relaciona com o papel que cada um dos indivíduos tem na perpetuação e reforçamento dessa violência (COLOSSI; FALCKE, 2013). Com isso, não se pretende culpabilizar a mulher tampouco ignorar a realidade de subordinação feminina, porém analisar de quais formas os parceiros influenciam o ciclo da violência presente em seu relacionamento. Além disso, tendo em vista que essa forma de violência é multicausal, a

violência entre os cônjuges não é motivada somente pelo desalinho de poderes e papéis sociais, mas também pela falta de contato entre o casal, pela dificuldade na resolução de conflitos e de troca de afetos e sentimentos, dentre outras habilidades inerentes à vida a dois (CARDOSO; DEL PRETTE, 2017; OLIVEIRA; SOUZA, 2006).

No que se refere às formas de intervenção, ressalta-se, novamente, que para o devido fim, o terapeuta deve ter em mãos uma boa Conceitualização Cognitiva. A Conceitualização deve ser feita de modo que o sistema cognitivo do cliente seja compreendido de forma global. Tal premissa, imprescindivelmente, estende-se à formulação de caso com casais. Procura-se depreender os fatores cognitivos, emocionais e comportamentais de cada cônjuge e da relação em si. Sendo assim, Cardoso (2016; 2018) propôs um modelo de avaliação do caso que traz aspectos fundamentais para essa compreensão global: a) a história de vida (antes e após o início da relação); b) os processos cognitivos de cada parceiro/a (crenças centrais, regras e expectativas); c) as crenças referentes ao relacionamento atual; d) estratégias de enfrentamento (que ajudam e que prejudicam a resolução de conflitos) e as e) consequências dos processos supracitados para o relacionamento. Uma boa conceitualização resulta não só em intervenções eficazes, como também contribui para o engajamento do casal na terapia, conseqüentemente na mudança e no autoconhecimento – elementos fundamentais para que, ao fim do processo, ambos os cônjuges saibam lidar com as questões inerentes à relação e sejam seus próprios terapeutas (CARDOSO, 2018; NEUFELD; CAVENAGE, 2010).

Destaca-se que, na intervenção com casais, nem sempre o terapeuta consegue identificar a violência conjugal, tendo em vista a dificuldade dos casais, em razão de diversos motivos, de exporem tais situações (LA TAILLADE; EPSTEIN; WELINICH, 2006). De outro modo, torna-se relevante diminuir a frequência dos comportamentos agressivos, ampliar a possibilidade de comunicação entre o casal, rever as expressões da conjugalidade e, principalmente, modificar o padrão de comportamento violento para que advenham formas alternativas de solução de conflitos (CARDOSO; COSTA, 2019a; DATTILIO, 2011; COLOSSI; FALCKE, 2013). Essas propostas objetivam findar o ciclo de violência que deixa consequências nefastas na vida de todos os envolvidos.

Para se discutir determinadas questões inerentes à vida a dois, à violência conjugal e à Terapia Cognitivo-Comportamental foi utilizada a análise a partir de filmes, no presente trabalho. De acordo com Monteiro e Costa (2015), tal metodologia é buscada por alunos de Psicologia como forma de promover a compreensão de alguns conceitos e é utilizada para estudos e intervenções. Em seu estudo, as autoras buscaram identificar nos

filmes “*Frozen – uma aventura congelante*” e “*Parcialmente nublado*” os conceitos da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT); analisar as cenas a partir do referencial teórico da Análise do Comportamento e relacionar as cenas a situações terapêuticas de modo a contribuir com o ensino de estudantes de Psicologia (MONTEIRO; COSTA, 2015).

De modo semelhante, à certa medida, Cardoso e Barletta (2018) produziram e organizaram uma coletânea de estudos cujos objetivos foram de analisar e aplicar conceitos e formas de intervenção da Terapia Cognitivo-Comportamental a partir de filmes, já que esse recurso é considerado, pelos autores, como uma estratégia didática de compreensão da teoria e formulação de caso. Utilizando-se de outro recurso, porém igualmente ficcional, Gomes (2018) adotou o livro “*Alice no País das Maravilhas*” para aplicar conceitos da Análise do Comportamento e do campo das Habilidades Sociais, além de inferir possibilidade sobre como a leitura da história poderia influenciar no comportamento das crianças e como poderia ser utilizada para o ensino de princípios da Análise do Comportamento e para a promoção de Habilidades Sociais.

Diante do que foi exposto, a análise do seriado *Big Little Lies* (HBO, 2017) se mostrou como uma possibilidade de pesquisa fértil, com desdobramentos relacionados ao ensino, a compreensão e à própria intervenção em Psicologia (CARDOSO; BARLETTA, 2018; MONTEIRO; COSTA, 2015). Sendo assim, o presente estudo buscou analisar a violência conjugal e a vida a dois, a partir dos pressupostos da Terapia Cognitivo-Comportamental e especificamente do campo teórico-prático da Terapia Cognitivo-Comportamental com Casais.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar o processo de violência conjugal contra as mulheres no casal protagonista da série “Big Little Lies”.

3.2 Específicos

- a) Caracterizar os tipos de violência na relação do casal protagonista;
- b) Identificar crenças, regras e expectativas do casal protagonista;
- c) Identificar as estratégias de enfrentamento do casal protagonista;
- d) Traçar uma possibilidade de intervenção cognitivo-comportamental para o casal protagonista.

4 METODOLOGIA

4.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo teórico e descritivo que utilizará da análise de conteúdo cinematográfico. Este método refere-se à utilização de trechos de filmes e séries para ilustrar determinados eventos – neste estudo a violência conjugal contra as mulheres –, e analisá-los sob a perspectiva de um referencial teórico, sendo a Terapia Cognitivo-Comportamental o modelo utilizado neste trabalho (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 1994). O uso desta modalidade permite uma melhor compreensão de situações e conceitos, favorecendo a explanação didática dos dados encontrados.

4.2 Descrição da série

Big Little Lies (HBO, 2017) é uma série composta por, no ano corrente, duas temporadas. Ambas as temporadas têm 07 episódios. O seriado narra a história de cinco mães: Celeste Wright, Madeline Mackenzie, Jane Chapman, Renata Klein e Bonnie Carlson cujos filhos fazem o jardim de infância na mesma escola. A série mostra as mazelas da vida em família das personagens e a história de Jane, que é mãe solteira. Ao chegar na cidade, o filho de Jane é acusado de enforcar uma colega de classe, Amabella – que é filha de Renata Klein. A partir de então, um intenso conflito se estabelece entre as mães da comunidade escolar. Paralelamente o telespectador é convocado a entrar na vida conjugal de Celeste Wright e Perry Wright. Nos primeiros episódios, a vida de Celeste é apresentada como se não houvesse entraves, tal fato sendo expressado, inclusive, por Madeleine, que é apresentada como melhor amiga de Celeste. Entretanto, com o desenrolar do roteiro, é exposto que Celeste é insegura e reprimida pelo marido, sendo proibida até mesmo de trabalhar, e o casamento aparentemente apaixonado é revelado como abusivo e violento, trazendo consequências para seus filhos, como o desempenho de comportamentos agressivos na escola. Para mais informações sobre a série, consultar Apêndice A.

4.3 Procedimento

- a) *Seleção das cenas para Conceitualização Cognitiva:* ocorreu assistindo toda a série, de 07 episódios, na íntegra, por 2 vezes. Na primeira vez, todas as cenas

que Celeste Wright e Perry Wright apareceram foram contabilizadas para que fossem descritas em um documento em “Word”. Os trechos escolhidos não necessariamente precisaram ter os dois personagens em cena. Essa etapa de seleção de cenas teve dois objetivos: a) traçar a história de vida antes e depois do casamento e os processos cognitivos (crenças centrais, regras, expectativas) de Celeste Wright e de Perry Wright para que o Diagrama de Conceitualização Cognitiva para Casais (ANEXO A) fosse preenchido (CARDOSO, 2018); b) escolher as cenas que iriam para o questionário que foi enviado para psicólogas especialistas em terapia cognitivo-comportamental e nos estudos sobre violência por parceiro íntimo. Após os trechos selecionados, eles foram assistidos mais 2 vezes, pausando-os, e foram escolhidos os trechos que atenderam a pelo menos um dos seguintes critérios: (1) presença de violência física, psicológica, sexual, moral e/ou patrimonial; (2) trechos em que foi possível extrair as crenças dos personagens a respeito do relacionamento; (3) trechos em que foi possível perceber as estratégias de enfrentamento que ajudaram ou não a resolver conflitos entre o casal de Celeste Wright e Perry Wright; (4) trechos em que foi possível perceber as consequências dos comportamentos de Celeste Wright e Perry Wright para o relacionamento. Esses critérios também foram utilizados para escolher as cenas que seriam descritas no questionário. Não foram utilizados juízes, no entanto, conforme supracitado, duas especialistas em Terapia Cognitivo-Comportamental e nos estudos sobre violência responderam o questionário com cenas pertinentes aos processos cognitivos do casal.

- b) *Mapeamento das cenas de interação entre Perry e Celeste*: ocorreu assistindo a série, na íntegra, por duas vezes. Na segunda vez, os minutos referentes à interação de Perry e Celeste foram anotados. Os episódios foram assistidos uma terceira vez, contudo, não foram assistidos na íntegra, restringindo-se aos minutos de interação do casal para que as cenas pudessem ser mapeadas (APÊNDICE B) e descritas (APÊNDICE C). Posteriormente, foram selecionadas as cenas que ocorreram violência para que elas pudessem ser caracterizadas conforme a Lei Maria da Penha (2006).
- c) *Conceitualização Cognitiva do Casal (ANEXO A)*: após os dados recolhidos na etapa “a”, foi utilizado o modelo de Conceitualização Cognitiva para Casais. Trata-se de uma proposta desenvolvida por Cardoso (2016) e com um novo

design em Cardoso (2018) que tem como objetivo facilitar o processo de formulações de casos em terapia de casais. O modelo fornece uma visão ampla dos sistemas cognitivos presentes no relacionamento entre parceiros íntimos. Para tanto, pretendeu-se: (1) analisar a história de vida dos dois indivíduos antes do casamento (visando compreender o que aconteceu na vida do indivíduo para que ele pense e se comporte da maneira atual) e após o casamento (tendo em vista o surgimento dos conflitos e os novos estímulos que estão relacionadas à situação-problema trazidas na terapia); (2) analisar os processos cognitivos pessoais de cada um (crenças centrais, regras e expectativas); analisar as crenças construídas durante o relacionamento (sendo as cognições que os indivíduos desenvolvem sobre seus parceiros); analisar as estratégias de enfrentamento que ajudam e que dificultam a resolução dos problemas; (5) e as consequências dos processos cognitivos e estratégias anteriormente citados para o relacionamento.

d) Entrevista com Especialistas: foi construído um questionário (ANEXO B), com respostas dissertativas e de múltipla escolha sobre os trechos selecionados da série para que duas especialistas em terapia cognitivo-comportamental e nos estudos sobre violência por parceiro íntimo pudessem responder. As cenas descritas no questionário foram disponibilizadas *online*. O acesso tanto ao questionário quanto às cenas foi feito por meio de *e-mail*. As respostas das especialistas contribuíram para o preenchimento do Diagrama de Conceitualização Cognitiva com Casais e para traçar uma possibilidade de intervenção para o casal Perry Wright e Celeste Wright. No questionário, as especialistas foram convidadas a responder perguntas inerentes aos processos cognitivos do casal, às estratégias de enfrentamento e às consequências desses processos para o casal, além de elencarem possibilidades de intervenção no que diz respeito a violência conjugal.

5 RESULTADOS

Os resultados deste estudo estão organizados em três partes, conforme os objetivos. Inicialmente, serão apresentados os dados de caracterização da violência sofrida no casal protagonista. Depois será apresentada a conceitualização cognitiva do casal, apresentando também as respostas das especialistas que contribuíram para a formulação de caso. Por fim, será apresentada as possibilidades de intervenção com Celeste Wright e Perry Wright.

5.1 Caracterização da violência na interação do casal protagonista

Nesta seção, serão apresentadas as interações de Celeste Wright e Perry Wright. Ao todo, foram contabilizadas 40 cenas nas quais os personagens interagem direta ou indiretamente. A interação direta, aqui, configura-se como a comunicação (verbal ou não verbal) entre os personagens, em cena. Já a interação indireta diz respeito a uma cena na qual Perry Wright envia flores e um bilhete para a esposa, Celeste Wright. Das 40 cenas, 13 cenas trouxeram violência – conforme o que é descrito na Lei Maria da Penha (2006). A seguir, uma tabela constando a quantidade de cenas com a presença de violência; episódio ao qual a cena pertence; o número da interação violenta em relação às 40 cenas contabilizadas; os minutos da cena referente ao episódio da série; e que tipo de violência foi identificado.

Tabela 1 – Cenas com presença de violência conforme a Lei Maria da Penha (2006)

Cenas com Violência	Episódio	Interação	Minutos	Tipo De Violência
1	1	5	39:47-41:56	Física
2	2	9	12:40-15:30	Física
3	3	13	04:31-06:49	Física
4	4	17	05:23-06:42	Psicológica
5	4	18	11:30-13:01	Psicológica
6	4	19	13:02-14:35	Psicológica
7	4	21	39:53-41:32	Física/Psicológica
8	5	24	26:01-27:17	Física
9	6	26	03:53-05:24	Psicológica
10	6	29	20:28-21:46	Física/Psicológica/Sexual
11	6	30	32:26-33:16	Psicológica
12	7	32	01:58-03:18	Física

Tabela 1 – Cenas com presença de violência conforme a Lei Maria da Penha (2006)

13	7	40	53:24-54:24	Física
----	---	----	-------------	--------

Fonte: elaborado pela autora deste estudo.

5.2 Conceitualização cognitiva do casal

Nesta seção, serão apresentadas as crenças, regras, expectativas e as estratégias de enfrentamento do casal protagonista. Sendo assim, inicialmente, será exposto um quadro com as repostas das especialistas que auxiliaram no preenchimento do Diagrama de Conceitualização Cognitiva com Casais (CARDOSO, 2018). As respostas que serão abordadas nessa seção dizem respeito às questões de número 1 a 9. As respostas para o questionamento de número 10 serão apresentadas na seção 5.3, pois referem-se aos encaminhamentos que as especialistas elencaram para o casal protagonista. Posteriormente, será apresentada a descrição de caso do casal Celeste Wright e Perry Wright e, em seguida, o Diagrama de Conceitualização Cognitiva do casal.

Quadro 2 – Respostas das Especialistas

QUESTÃO	ESPECIALISTA 1	ESPECIALISTA 2
Quais exemplos de estratégias de enfrentamento negativas para o relacionamento você pode elencar nessa cena?	Evitar conversar ou procurar soluções para o problema; ataques pessoais; uso de violência; reagir de forma emocional (falta de manejo de emoções); fala agressiva e impositiva.	Perry reagiu de forma agressiva usando a força física e não verbal. (...) Celeste reage à agressão física do marido de forma a colocar mais em risco a própria integridade física. (...) Os dois se esquivam de discutir sobre os próprios comportamentos desajustados.
Quais as distorções cognitivas podemos indicar como pertencentes a Perry nessa cena?	Leitura mental, raciocínio emocional, supergeneralização, incapacidade de refutar, filtro negativo, atribuição de culpa e pensamento dicotômico.	Leitura mental, raciocínio emocional e atribuição de culpa.
Quais os possíveis pensamentos de Celeste nesse momento?	(...) Que deveria dar “mais uma chance” ao marido; (...) que as dificuldades no relacionamento podem ficar no passado.	(...) Que o marido pode deixar o comportamento agressivo e eles terem uma vida feliz.

Quadro 2 – Respostas das Especialistas

<p>Quais crenças centrais são possíveis de indicar como pertencentes a Perry?</p>	<p>Desamparo.</p>	<p>Desvalor.</p>
<p>Quais os possíveis pensamentos envolvidos nas tentativas de Perry de controlar o comportamento de Celeste, baseado no relato dela para a terapeuta?</p>	<p>(...) o envolvimento de Celeste em outras esferas, além do familiar, indicaria uma falta de disponibilidade a ele ou que a esposa negligenciaria a família. Mais possibilidades de (Celeste) se envolver em relacionamentos extraconjugais.</p>	<p>(...) (Celeste) pode se interessar por outra pessoa ou mesmo destinar menor tempo para ele.</p>
<p>Quais fatores (sociais, cognitivos e emocionais) tendem a manter as mulheres em um ciclo violento no relacionamento?</p>	<p>Social: crenças sociais sobre relacionamentos (atribuir o casamento como centralidade na vida da mulher, relacionar amor à ideia de sofrimento); normas sobre papéis/estereótipos de gênero (aceitação de violência como natural do homem, passividade/submissão feminina); naturalização e aceitação da violência; julgamentos sociais.</p>	<p>Social: em uma sociedade patriarcal, uma mulher separada pode ser vista como alguém inferior.</p>
	<p>Cognitivos: crenças disfuncionais sobre si mesma, sobre o amor e relacionamentos; distorções cognitivas diante das situações.</p>	<p>Cognitivos: crenças inflexíveis sobre o papel que deve desempenhar na relação.</p>
	<p>Emocionais: dependência emocional; insegurança; baixa-autoestima; medo; vergonha.</p>	<p>Emocionais: dependência emocional do parceiro; ter a maioria dos reforçadores existentes sendo liberados pelo próprio parceiro.</p>
<p>Quais crenças podem estar associadas a essa forma de pensar?</p>	<p>Desvalor.</p>	<p>Desamparo; desvalor.</p>

Quadro 2 – Respostas das Especialistas

<p>De que forma essa crença central pode contribuir com a permanência de Celeste no relacionamento abusivo?</p>	<p>(...) o constrangimento diante dos amigos e conhecidos; pode representar a perda de um status social.</p>	<p>(...) Celeste deixa de entrar em contato com outras contingências que possam quebrar o ciclo de violência conjugal. Compartilhar os abusos no relacionamento com outras pessoas poderia, neste caso, ampliar uma rede de apoio que a fortificaria para deixar a relação abusiva.</p>
<p>De que modo presenciar a violência entre os pais pode influenciar no desenvolvimento e, posteriormente, em outros relacionamentos afetivos das crianças?</p>	<p>(...) pode influenciar para que as crianças apresentem quadros de ansiedade, depressão, medo, se culpabilizarem pelas agressões, apresentarem dificuldades acadêmicas, comportamentos regressivos. A criança pode no futuro reproduzir o modelo de relacionamento de seus pais, tanto perpetuando a violência quanto aceitando-a.”.</p>	<p>(...) os pais são os primeiros modelos de identificação das crianças. (...) Ao se comportar violentamente na intenção de resolver problemas, acaba influenciando os filhos a se comportarem da mesma maneira.</p>

Fonte: respostas retiradas do questionário elaborado pela autora.

A seguir, será apresentada a descrição de caso do casal Celeste Wright e Perry Wright, seguida do Diagrama de Conceitualização Cognitiva com Casais inerente ao casal, preenchido com base em cenas e diálogos da série *Big Little Lies* (HBO, 2017) e nas respostas das especialistas ao questionário.

5.2.1 Descrição do caso

Celeste Wright e Perry Wright são casados. Eles têm dois filhos: Josh e Max, gêmeos, de 6 anos. Não existem muitos dados sobre uma história antes do casamento. O que se pode assumir, a partir dos elementos dispostos no seriado, é que Celeste era advogada e exercia a profissão antes de se casar com Perry (C – história de vida antes do casamento). Além disso, Celeste morava na mesma cidade que sua família de origem Perry (C – história de vida antes do casamento). Após o casamento, Celeste deixou a carreira, a família e os amigos, pois mudou de cidade com Perry, a pedido dele, para outra cidade (C – história de vida após o casamento). Na série, as discussões e agressões entre o casal (Consequências) são

recorrentes, uma vez que eles não chegam a concordâncias quanto às formas de lidar com os conflitos que surgem na vida conjugal. Além disso, as relações sexuais passaram a ser violentas, deixando Celeste com hematomas e, até mesmo, sangrando (Consequências).

Celeste acredita que, para ser uma boa mãe, ela precisa se dedicar, exclusivamente, a seus filhos, não devendo trabalhar (C – regras). Dedicar-se aos filhos, para Celeste, significa também se ocupar das tarefas domésticas e de seu marido, mesmo que isso implique em ela aguentar os abusos e agressões de Perry (C – regras).

Para Celeste, sua autoestima está intrinsecamente relacionada com a forma que as pessoas lhe veem, acreditando que se “descobrirem” quem ela é por trás de sua aparência, não a considerarão suficientemente boa (C – crença central de desvalor). Celeste acredita que deve transmitir a imagem de que seu casamento é perfeito; que sua família é perfeita; que sua vida é perfeita. Sendo assim, as pessoas devem sempre pensar o melhor dela (C – regras). Inclusive, segundo Celeste, esse foi um dos motivos que a levaram a nunca relatar as agressões causadas por Perry para ninguém.

Celeste acredita que Perry é extremamente companheiro (C – Crenças referentes ao relacionamento) e que o relacionamento deles é especial. Quando estava tentando engravidar, Celeste passou por quatro abortos espontâneos e teve problemas com estresse e ansiedade. Os gêmeos acabaram nascendo prematuros e passaram muito tempo no hospital. Celeste destaca o companheirismo de Perry porque, em todas essas situações, ele esteve ao seu lado. Para Celeste, Perry é o melhor pai que poderia existir (C – Crenças referentes ao relacionamento), e essa é uma das razões pelas quais ela não o deixa. Por tudo isso, ela acredita que “está presa ao marido” (C – regras). Embora Celeste tenha consciência da situação de violação que está passando, ela esperava que Perry mudasse (C – expectativas), tendo em vistas todas as promessas que ele fez e a iniciativa de procurar por uma terapeuta para casais.

A série não propicia muitos elementos que permitam discutir sobre a história de vida de Perry antes do casamento. Sabe-se, no entanto, que Perry estuprou uma mulher, Jane Chapman. Desse estupro, nasceu Ziggy Chapman, que também tem 6 anos de idade. Perry não sabe da existência dessa criança. Tampouco a série deixa claro se Perry já estava casado com Celeste; se Celeste já estava grávida durante esse estupro; e se Perry estuprou outras mulheres. De outro modo, supõe-se que, pela idade das crianças, esse estupro tenha ocorrido após a configuração da união conjugal entre Perry e Celeste (P – história após o casamento).

Como Perry trabalha viajando, ele acaba passando períodos curtos e entrecortados com a família (P – história após o casamento). Mesmo estando fora de casa, Perry espera que

Celeste lhe conte tudo sobre sua vida e a vida dos gêmeos (P – expectativas). Quando a esposa não faz isso, ele acredita que Celeste está tentando lhe excluir da vida em família (P – crenças referentes ao relacionamento). Além disso, Perry também espera que Celeste deve concordar com ele em tudo que diz respeito à criação dos gêmeos (P – expectativas).

De acordo com Celeste, Perry não concorda que ela trabalhe e não gosta que tenha muitos amigos. Segundo Perry, desde que conheceu a esposa, teve medo de que ela pudesse “superá-lo” (P – Crença central de desvalor). Ultimamente, Perry tem percebido que a esposa não parece feliz e isso tem lhe “apavorado”. Perry afirma que sempre teve a “sensação de que Celeste iria deixar de amá-lo” (P – Crença central de desamor). Ele tem “procurado evidências” disso. Perry acredita que, se a companheira não estiver feliz consigo, haverá “uma fila de mil homens esperando”.

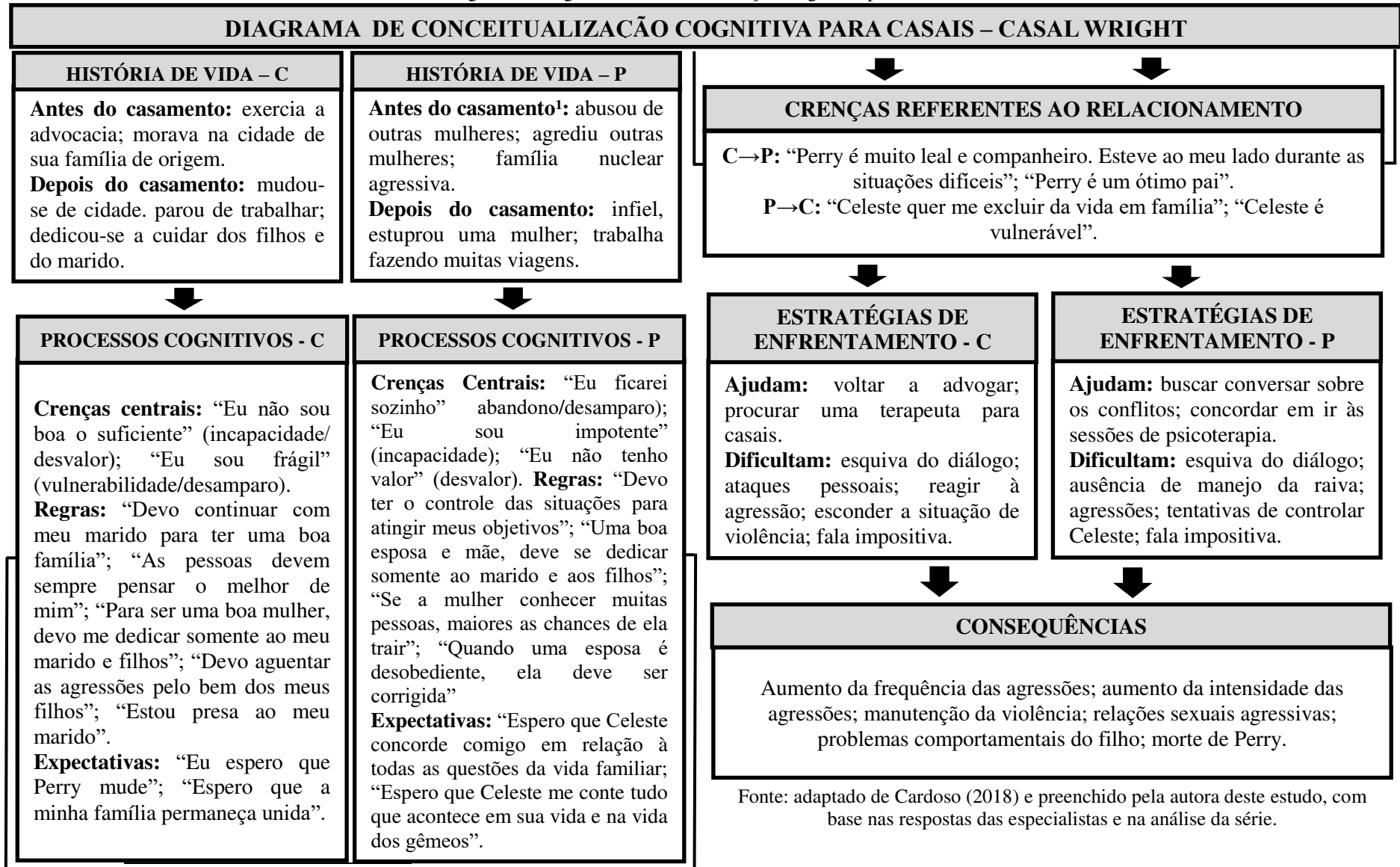
Perry acredita que Celeste é frágil, tendo em vista o histórico relacionado à dificuldade de engravidar, à ansiedade e ao estresse (P – crenças referentes ao relacionamento). Perry tem medo de perder a esposa, por isso tenta controlar a vida dela e isolá-la, de modo que ela fique longe da família e amigos (P – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Ele espera que Celeste compreenda seu “cuidado” – agindo da forma que ele deseja (P – expectativas). Sendo assim, não permite que ela exerça a advocacia e costuma manipulá-la, pois se conseguir controlar Celeste, há menos chance de ela se envolver em um caso extraconjugal (P – regras) e, por conseguinte, deixá-lo. Quando Perry percebe que Celeste está saindo de seu controle e não faz o que deseja, normalmente, ele a agride fisicamente (P – regras).

Em relação às estratégias utilizadas, Celeste, normalmente, invalida os argumentos e pontos de vista de Perry quando não está mais disposta a conversar (C – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Às vezes, ela também tenta deixar Perry falando sozinho (C – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Além disso, ela revida as agressões verbais e físicas de Perry com ataques pessoais ou agressões físicas (C – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Celeste não relata para outras pessoas a situação de violência pela qual passa, sendo assim, acaba ficando isolada e sem contato tampouco conhecimento sobre alternativas eficazes para o comportamento violento (C – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Confiando nas promessas de mudança do marido e almejando que sua família continue unida, Celeste dá a ideia de que o casal vá a uma terapeuta. Mesmo sozinha, Celeste marca sessões com a terapeuta visando recursos para se comunicar com Perry e modificar a dinâmica de agressões do relacionamento (C – estratégias que ajudam a resolução do conflito).

Perry, por sua vez, solicita o diálogo quando percebe que há um conflito instaurado (P – estratégias que ajudam a resolver o conflito). De outro modo, ele não costuma ceder em suas decisões, recorrendo, às vezes, a uma fala agressiva e impositiva para que suas perspectivas prevaleçam sob as da esposa (P – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Em outras ocasiões, ele decide se afastar de Celeste, sem estabelecer uma conversação, de modo a se esquivar do conflito (P – estratégias que não ajudam a resolver o conflito). Quando se sente invalidado ou ignorado pela esposa ou quando não obtém a concordância dela em relação a determinadas questões, ele se utiliza da agressão física e psicológica como estratégia de resolução do conflito (P – estratégias que não ajudam a resolver o conflito).

A manutenção dos conflitos entre Perry e Celeste acabaram resultando em consequências como: violência física, psicológica e sexual, insatisfação com a relação, relações sexuais violentas; comportamento agressivo dos filhos e com a morte de Perry.

Figura 2 - Diagrama de Conceitualização Cognitiva para Casais



Fonte: adaptado de Cardoso (2018) e preenchido pela autora deste estudo, com base nas respostas das especialistas e na análise da série.

¹Hipóteses criadas em virtude da ausência de elementos na série que expusessem a história de vida de Perry antes do casamento.

5.3 Possibilidades de intervenção

Nesta seção, as possibilidades de encaminhamentos propostos pelas especialistas para o casal protagonista serão apresentadas. Posteriormente, foram selecionados materiais que forneciam modelos e orientações para construir uma possibilidade de intervenção para o casal da série.

Quadro 3 – Encaminhamentos das Especialistas

QUESTÃO	ESPECIALISTA 1	ESPECIALISTA 2
De acordo com a sua experiência e estudos sobre a temática da violência, quais as formas de intervenção (técnicas e procedimentos) são recomendadas em casos de violência conjugal?	Conhecimento das leis sobre violência, sobre a rede de proteção;	Avaliar o risco à integridade física da cliente;
	Plano sobre como e onde buscar ajuda no caso de um novo episódio de violência ocorrer;	Divulgação sobre os mecanismos jurídicos de suporte, como canais de denúncia anônima e denúncia urgente;
	Investigação de quais aspectos mantém a cliente no relacionamento violento;	
	Auxílio prático: conquistar independência financeira, contar a amigos/familiar sobre a violência;	Psicoeducação sobre os direitos e deveres das mulheres em um relacionamento violento (principalmente quando elas são responsáveis pela integridade física e psicológica de crianças).
	Identificação de crenças e distorções cognitivas.	

Fonte: adaptado das respostas das especialistas no questionário.

A partir das respostas das especialistas e através de um levantamento sobre a literatura cognitivo-comportamental com casais, foi desenvolvida uma possibilidade de intervenção para o casal em tela. Essa possibilidade foi organizada em 23 sessões, distribuídas entre 4 etapas: etapa inicial; etapa intermediária e etapa final e etapa de *follow-up*. Nos casos em que ocorresse a dissolução do laço conjugal, foi pensada em uma alternativa de *follow-up* que considerasse o monitoramento da interação entre o homem e a mulher, de modo a impedir irrupção de episódios graves de agressão, como, o feminicídio.

Quadro 4 – Possibilidade de intervenção para casos de violência conjugal contra as mulheres

Etapa	Objetivos	Procedimentos técnicos
Inicial (9 sessões)	1. Identificar queixas e demandas do casal em sessões conjuntas e individuais (3 sessões);	Entrevista conjunta para identificação de potencialidades e características problemáticas nos indivíduos, no casal e no ambiente;
		Levantamento de dados para a Conceitualização Cognitiva Individual e do Casal;
		Observação da interação conjugal;
		Identificação de queixas e demandas específicas de cada parceiro em entrevistas individuais;
	2. Avaliar o risco à segurança e integridade física do casal por meio de entrevistas individuais (3 sessões);	Avaliação da frequência e intensidade dos episódios de violência por meio de entrevistas individuais;
		Em sessões individuais, elaboração de plano de segurança para garantir a integridade física do casal e identificação de alternativas sobre como e onde encontrar suporte, em caso de novos episódios de agressão;
		Devolutiva da avaliação sobre queixas e demandas, em sessão conjunta;
		Acordos para mudanças de comportamento estabelecidos em sessão conjunta;
		Listagem de estratégias saudáveis para a resolução de conflitos, em sessão conjunta;
	3. Diminuir a frequência e intensidade dos episódios violentos por meio de sessões conjuntas (3 sessões).	Contrato inicial sobre a interrupção dos comportamentos violentos;
		Psicoeducação sobre o modelo cognitivo-comportamental;
		Identificação de preditores internos e externos da violência;
		Treino de automonitoria;
		Avaliação dos motivos de discussão que levam à violência e estabelecimento de estratégias alternativas;
		Psicoeducação sobre <i>time-out</i> ² ;
Psicoeducação sobre o ciclo da violência; Biblioterapia sobre direitos das pessoas em situação de violência;		

²Consiste na possibilidade do cônjuge se afastar do(a) companheiro(a), saindo de casa, por exemplo, quando perceber que poderá iniciar um episódio de violência. O indivíduo deve deixar claro para onde vai e quanto tempo passará longe (D’AFFONSECA; WILLIAMS, 2017; HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010).

Quadro 4 – Possibilidade de intervenção para casos de violência conjugal contra as mulheres

Intermediária 1: Nível individual <i>(4 sessões)</i>	1. Identificar e reestruturar cognições relacionadas à violência, em sessões individuais (4 sessões);	Avaliação de crenças referentes ao relacionamento;
		Identificação de pensamentos automáticos e distorções cognitivas relacionadas à violência e à conjugalidade;
		Exame de evidências e construção de explicações alternativas para as cognições desadaptadas;
		Ressignificação de eventos;
		Identificação de tentativas de minimização ou negação da violência;
		Identificação de aspectos que mantêm o casal no relacionamento violento;
		Promoção da responsabilidade sobre os comportamentos violentos;
Intermediária 2: Nível Conjugal <i>(4 sessões)</i>	1. Estabelecer padrões comportamentais mais adaptativos (4 sessões);	Psicoeducação sobre o conflito conjugal, estratégias de enfrentamento e as consequências para a relação;
		Treino de habilidades de resolução de problemas por meio de <i>roleplay</i> ;
		Psicoeducação sobre empatia, expressividade emocional e sua importância nos relacionamentos;
		Expressão de sentimentos e pensamentos relacionados à violência para promoção de empatia;
		Treino de habilidades de expressão emocional e validação por meio de <i>roleplay</i> ;
		Psicoeducação sobre padrões de comportamentos passivos, agressivos e assertivos;
		Treino de habilidades assertivas por meio do <i>roleplay</i> ;
		Psicoeducação sobre aspectos da comunicação e as consequências para o relacionamento;
Ensaio comportamental e instrução sobre habilidades comunicativas (diretrizes de escuta e fala);		

Quadro 4 – Possibilidade de intervenção para casos de violência conjugal contra as mulheres

Final (3 sessões)	1. Analisar os resultados das intervenções, em sessão conjunta (1 sessão);	Reavaliar a frequência e intensidade dos abusos;
		Identificar as percepções do casal acerca das consequências das intervenções;
		Avaliar os resultados das intervenções;
	2. Estabelecer alternativas em caso de novos episódios de violência, em sessão conjunta (1 sessão);	Discussão sobre comportamentos protetivos e alternativos à violência;
		Elaboração de planos de segurança em caso da emergência de episódios violentos;
	3. Analisar e categorizar, em sessão conjunta, as consequências da violência para o casal e para as pessoas próximas (1 sessão).	Psicoeducação sobre os efeitos da violência conjugal para os filhos;
Avaliar perdas e ganhos sobre o comportamento violento e o não-violento.		
Follow-up (3 sessões)	1. Incentivar a manutenção das habilidades e comportamentos adquiridos, em sessão conjunta (1 sessão);	Incentivar habilidades de resolução de conflitos;
		Incentivar habilidades assertivas e de comunicação;
	2. Monitorar a eventual presença de episódios de violência, em sessões individuais (2 sessões);	Explorar a presença de crenças que possam desencadear novos episódios de agressões pós intervenção;
		Avaliar a presença de episódios de violência pós intervenção.

Fonte: adaptado de Cardoso (2018); Dattilio (2011); Dattilio (2004); D’Affonseca e Williams (2017); Hamberger e Holtzworth-Munroe (2010); O’Leary; Heiman; Neidig (1999).

A seguir, conforme supracitado, um quadro com a possibilidade *follow-up* para os casos em que houver a dissolução do laço conjugal.

Quadro 5 – Possibilidade de *follow-up* para casos em que há dissolução do relacionamento

Etapa	Objetivos	Procedimentos técnicos
Follow-up em casos de dissolução do relacionamento (4 sessões)	1. Monitorar o relacionamento entre a mulher e o homem, em sessões individuais (2 sessões);	Monitorar os padrões de interação entre o homem e a mulher;
		Explorar a presença de crenças que possam desencadear novos episódios de agressões pós intervenção;
		Avaliar a presença de episódios de violência pós intervenção

Quadro 5 – Possibilidade de *follow-up* para casos em que há dissolução do relacionamento

<i>Follow-up</i> em casos de dissolução do relacionamento (4 sessões)	2. Incentivar a manutenção das habilidades e comportamentos adquiridos, em sessão conjunta (2 sessões).	Incentivar habilidades de resolução de conflitos;
		Incentivar habilidades assertivas e de comunicação.

Fonte: adaptado de Cardoso (2018); Dattilio (2011); Dattilio (2004); D’Affonseca e Williams (2017); Hamberger e Holtzworth-Munroe (2010); O’Leary; Heiman; Neidig (1999).

Destaca-se que a intervenção foi elaborada de modo a intercambiar as sessões coletivas (casal) e as individuais, tendo em vista o trabalho específico e delicado a que se propõe. É pertinente salientar que essa possibilidade de intervenção tem por objetivo principal auxiliar cônjuges, que estão comprometidos com a mudança, a encontrarem formas alternativas e saudáveis de se relacionar – que não por meio dos padrões comportamentais violentos. Nos casos em que a violência persiste, recomenda-se a psicoterapia individual, para que determinadas questões possam ser trabalhadas, como a presença de psicopatologias (HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010).

A possibilidade de intervenção conjugal aqui proposta pretende, na etapa inicial, diminuir a frequência e a intensidade dos episódios violentos. Para isso, de modo geral, utiliza-se a psicoeducação do modelo cognitivo-comportamental; identifica-se preditores internos e externos da violência; avalia-se o risco à integridade física do casal; elabora-se um plano de segurança sobre como e onde buscar ajuda e lista-se estratégias saudáveis para a resolução dos problemas. Na etapa intermediária, os objetivos são a identificação de cognições que se relacionem com a violência e a reestruturação delas, de modo que haja o estabelecimento de padrões comportamentais mais adaptativos. Sendo assim, busca-se compreender os processos cognitivos do casal; utiliza-se da psicoeducação e do treino de habilidades diversas. Na etapa final, os objetivos são avaliar os resultados das intervenções e trabalhar a psicoeducação acerca das consequências da violência para a vida de cada cônjuge e para aqueles que se relacionam com eles, a exemplo os filhos. Na etapa de *follow-up*, busca-se incentivar a manutenção das habilidades adquiridas e monitorar a presença de cognições que possam levar a recidivas das agressões.

6 DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como objetivo “analisar o processo de violência conjugal contra as mulheres no casal protagonista da série *Big Little Lies* (HBO, 2017). Sendo assim, buscou-se: a) caracterizar os tipos de violência na relação do casal protagonista; b) identificar crenças, regras, expectativas do casal protagonista; c) identificar as estratégias de enfrentamento do casal protagonista; d) traçar uma possibilidade de intervenção cognitivo-comportamental para o casal protagonista. Tendo isso em vista, nessa seção serão discutidos os resultados encontrados.

Em relação ao primeiro objetivo, observou-se a predominância da violência física em detrimento de outras formas de violência na dinâmica conjugal. Esse resultado está de acordo com os achados na literatura no que diz respeito aos altos índices de violência física contra as mulheres nos relacionamentos afetivo-sexuais (DATASENADO, 2017; GARCÍA-MORENO *et al.*, 2005; HENTATI *et al.*, 2015; KRUG *et al.*, 2002; SAMBISA, 2011). De outro modo, embora a violência física tenha se apresentado de forma predominante, ela não se configura como característica única da dinâmica conjugal violenta.

Conforme Krug *et al.* (2002), as agressões físicas, na verdade, são parte de um padrão mais amplo de comportamentos abusivos – que vão desde estapear até isolar e monitorar a mulher. A violência psicológica faz parte dessa dinâmica de abusos e, em geral, tende a preceder ou, a partir de um determinado momento, ocorrer concomitantemente a outras formas de violência (KRUG *et al.* 2002; SILVA; COELHO; CAPONI, 2007; SCHRAIBER *et al.*, 2007). No caso em tela, a violência psicológica foi identificada como a segunda forma de abuso mais frequente e, na maioria das vezes, apareceu como um fenômeno à parte. Em relação a isso, em estudo realizado por Schraiber *et al.* (2007), o abuso psicológico se destacou como a principal forma de violência exclusiva, ou seja, sem necessariamente estar acompanhado da violência física ou sexual. Uma hipótese que pode ser levantada se refere ao fato de que, antes de cometer a violência física, o perpetrador das agressões tende a minar a autoestima da companheira (MILLER, 2008).

Quanto à violência sexual, destaca-se uma incidência menor – se comparada a outras expressões de agressão. Conforme o DataSenado (2017), 15% das entrevistadas apontaram a ocorrência dessa forma de violência em seus relacionamentos. Krug *et al.* (2002) pontuam que, pelo menos, um terço das incidências de violência física ocorreram

acompanhadas de violência sexual. García-Moreno *et al.* (2005), por outro lado, apontam uma taxa que varia de 6% a 59% de casos de violência sexual em relações afetivo-sexuais. Essa variabilidade e as baixas taxas podem se relacionar com a naturalização das relações sexuais forçadas, dentro do contexto da conjugalidade, já que, em virtude de uma dívida matrimonial, as mulheres teriam a obrigação de ceder seu corpo para satisfazer os desejos dos maridos (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005; FERRO; CERMELE; SALTZMAN, 2008). Outra questão a ser considerada em relação à frequência da violência sexual nos cônjuges analisados diz respeito ao fato de que, embora as relações sexuais do casal Wright tenham como característica problemática a agressividade, a série não traz indícios que sinalizem sofrimento em Celeste, nem elementos que caracterizem a ausência de consentimento por parte da personagem.

Em relação ao segundo objetivo, as crenças desadaptadas identificadas no casal foram relacionadas à fragilidade, à iminência de abandono, à impotência e a percepção de ausência de valor com relação ao mundo. Tais crenças, em virtude do conteúdo e do impacto para o relacionamento em si, podem contribuir tanto para a ocorrência e manutenção dos conflitos quanto para a manutenção da violência (PEÇANHA; RANGÉ, 2008). Dattilio (2006) pontua que a habilidade de resolver conflitos, na vida familiar, decorre, também, da reestruturação de crenças enraizadas acerca do funcionamento individual e familiar. Em relação às regras identificadas, em sua maioria, elas tendem a colaborar com a manutenção da dinâmica agressiva do relacionamento. A exemplo, as regras relacionadas ao isolamento social, que minimizam as possibilidades da mulher encontrar suporte e estratégias alternativas à violência (DUTRA *et al.* 2013); ou àquelas relacionadas à permanência na conjugalidade por causa dos filhos, a despeito das agressões (RAZERA; FALCKE, 2014); ou regras associadas a comportamentos controladores (GARCÍA-MORENO *et al.*, 2005).

Os pensamentos automáticos identificados, de igual modo, contribuem para a o desajuste no relacionamento. De acordo com Beck (1995), a forma como os parceiros interpretam palavras e ações é decisiva para o conflito conjugal, já que podem resultar em reações hostis. Dentro do contexto do casal em tela, pensamentos automáticos como “*dar mais uma chance pelos meus filhos*”; “*ele vai mudar*”; “*ela vai se interessar por outra pessoa*”; “*ela estará menos presente*”, desempenham papel fundamental para o estabelecimento dos conflitos e manutenção da violência, dado que influenciam na geração de emoções desagradáveis e comportamentos desadaptados,

como a agressão física (COUTO, 2013). Segundo Durães (2016) e Knapp (2004), ao intervir nas distorções cognitivas é possível obter melhoras no humor e aumentar a satisfação conjugal. Além disso, especialmente no caso do perpetrador da violência, modificar crenças “quentes”, que levam à raiva, pode ser eficaz para a interrupção de um ataque violento (O’LEARY; HEIMAN; NEIDIG, 1999).

Em relação às estratégias de enfrentamento, foi identificado que tanto Celeste quanto Perry desempenham comportamentos que dificultam a resolução dos conflitos e, à certa medida, contribuem para a manutenção da violência. De acordo com Falcke e Mosmann (2011), a esquiva do diálogo é uma estratégia considerada ineficaz para a resolução dos conflitos. Essa tentativa de ignorar a dificuldade pode levar ao acúmulo de sentimentos e mágoas, além de transmitir a mensagem de desinteresse ou ausência de disponibilidade para a resolução do conflito – o que pode fazer com o que o companheiro se sinta ignorado ou invalidado (DELATORRE; HAMEISTER; WAGNER, 2015; GOTTMAN; SILVER, 2015).

Os ataques pessoais, definidos por Rubenstein e Feldman (1993) como comportamentos hostis e autoritários tendem a impactar negativamente na qualidade da relação (PLESSIS; CLARKE, 2008). Costa e Mosmann (2015) trazem o gerenciamento das próprias emoções como uma estratégia construtiva de resolução de conflitos. Sendo assim, a ausência de habilidades no manejo de emoções comparece dentro do conjunto de atitudes que dificultam a construção de solução para a adversidade, podendo gerar novos conflitos. Outra estratégia encontrada diz respeito a revidar à violência perpetrada. Segundo D’Affosena e Williams (2017), determinadas reações à violência podem resultar em mais comportamentos agressivos por parte do perpetrador – o que pode colocar a integridade da mulher ainda mais em risco.

A presença de fala agressiva e impositiva como solução para o conflito tende a ser outra estratégia negativa, pois se relaciona com uma dificuldade de comunicação entre o casal. A literatura indica que a correta expressão de sentimentos e desejos, bem como um amplo repertório de habilidades sociais, de modo geral, contribuem significativamente para a satisfação conjugal (SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009; NORGREN *et al.*, 2004; VILLA; DEL PRETTE, 2013).

Em relação às tentativas de controle, Krug *et al.* (2002) enfatizam que uma das características mais comuns dos perpetradores da violência, no relacionamento, é o desempenho de comportamentos cada vez mais possessivos e controladores. Hirigoyen (2006) exemplifica que o marido pode tentar impedir a mulher de trabalhar, afastando-a

de amigos e família, além de buscar restringir sua vida social – comportamentos que são observados em Perry. Isso faz com que a vida da esposa se torne cada vez mais voltada para o marido. Esse isolamento é, na verdade, parte fundamental para que o companheiro possa exercer o controle de comportamentos e decisões da parceira, minando, paulatinamente, os recursos dessa mulher para lidar com a situação de violência e reafirmando sua dominação (MILLER, 1999).

Paim e Cardoso (2019) pontuam que a busca por essa posição dominante, por meio de agressões e ameaças, diz respeito à necessidade de alívio de sensações infantis de insegurança. Além disso, os autores apontam alguns padrões básicos de ciclos de enfrentamento que se aplicam ao Casal Wright: 1) o ciclo no qual ambos os parceiros se atacam, controlam ou diminuem o outro afim de aliviar as sensações de vulnerabilidade e insegurança; 2) um dos cônjuges é dominante e o outro se coloca em posição passiva, de modo a evitar retaliações (SIMEONE-DIFRANCESCO *et al.*, 2015 *apud* PAIM; CARDOSO, 2019). Nesse sentido, os comportamentos violentos do casal Wright podem ser, também, explicados através dessa perspectiva.

Destaca-se que foi identificado um maior número de estratégias de enfrentamento que dificultam a resolução do conflito por parte do perpetrador da violência, no caso Perry. Não obstante, para fins de apresentação do diagrama, as estratégias foram quantitativamente equilibradas na apresentação do diagrama. Ao preencher o diagrama de conceitualização cognitiva, Cardoso (2018) e Cardoso e Neufeld (2018) indicam que este tipo de equilíbrio é necessário para que nenhum dos cônjuges se perceba como a fonte de desalinhos do casal, ao invés que compreendam que seus problemas são, na verdade, relacionais. Ou seja, o desafio é desenvolver uma interação mais adaptativa.

É pertinente salientar a quantidade limitada de estudos e descrições do processo terapêutico conjugal em casos de violência. De modo geral, a literatura traz intervenções ou para a parte agredida ou para o perpetrador da violência, separadamente (BRANDL *et al.*, 2003; CORTEZ; PADOVANI; WILLIAMS, 2005; D’AFFONSECA; WILLIAMS, 2017; MAIA; PADOVANI; WILLIAMS, 2010). Além disso, ressalta-se uma tendência das perspectivas teóricas e práticas, acerca da violência, em situar as mulheres como vítimas passivas (ALVIM; SOUZA, 2005; COLOSSI; FALCKE, 2013; DATTILIO, 2011). De outro modo, as mulheres são agentes ativos em sua realidade e devem ser suficientemente empoderadas, durante as intervenções, para serem capazes de assumir a responsabilidade pela sua própria segurança e pela mudança em suas vidas.

Essa perspectiva relacional, no entanto, conforme Colossi e Falcke (2013), não pretende eximir os perpetradores da violência de suas responsabilidades, tampouco desconsiderar as questões de gênero e poder que influenciam o complexo fenômeno da violência conjugal. De outro modo, busca-se destacar o caráter bidirecional da violência, sendo homens e mulheres protagonistas em suas dinâmicas conjugais (FALCKE *et al.*, 2009). Ademais, é pertinente salientar que, na violência conjugal, homens e mulheres podem desempenhar ora o papel de perpetradores da violência ora o papel de parte agredida. Ou seja, ambos os cônjuges podem ser autores de comportamentos agressivos e violentos, dado verificado também com o casal protagonista da série *Big Little Lies* (ALVIM; SOUZA, 2005; HBO, 2017). Em estudo realizado por Cezario, Carvalho e Lourenço (2016), a violência psicológica compareceu como principal forma de abuso perpetrada por mulheres contra homens. Mosmann e Falcke (2011) relataram que 75,8% dos casais entrevistados, em sua pesquisa sobre conflito conjugal, alegaram a presença de agressões verbais. Paixão *et al.* (2018), ao explorarem a percepção de homens acionados criminalmente em virtude da violência contra a parceira, destacaram que eles tenderam a perceber as agressões como comportamentos recíprocos, ou seja, havendo uma coautoria do casal nos episódios de violência.

Portanto, depreende-se que a violência estabelecida nos vínculos conjugais não tem sua causalidade restringida somente ao desempenho de papéis submissos das mulheres e “naturalmente” agressivos dos homens. Por se tratar de um fenômeno multifacetado, há de se considerar histórias de vida, aprendizados, cognições, crenças sociais, comportamentos, emoções e a própria agressão inerentes aos dois membros da vida conjugal.

Dito isso, poucos foram os achados na literatura que propusessem uma intervenção para a reverter um quadro de violência conjugal (D'AFFOSENCA; WILLIAMS, 2017; PADOVANI; WILLIAMS, 2002). No entanto, ainda de acordo com o estudo de caso de Padovani e Williams (2002), há indícios de que é possível obter êxito nesse objetivo através de técnicas e estratégias adequadas, como a identificação de pensamentos que se associam à violência, aplicação de *time-out*, manejo de emoções, análise de pensamentos distorcidos, dentre outras.

A intervenção proposta se construiu por meio de moldes cognitivo-comportamentais para psicoterapia conjugal e de intervenções específicas para mulheres agredidas e homens perpetradores de violência. Destaca-se que foi adotado o modelo de

psicoterapia com casais em razão do alto índice de mulheres que decidem prosseguir em relacionamentos violentos (KRUG *et al.*, 2002). Além disso, o modelo de intervenção aqui proposto, parte do princípio de que o ser-humano, para a Terapia Cognitivo-Comportamental, tem um enorme potencial para mudanças, estando em contínuo aprendizado, apto para se reestruturar e pôr em prática padrões mais adaptativos para se lidar com a realidade (KERBAUY, 1983). É importante salientar que não são permitidos episódios de violência no *setting* terapêutico e que, portanto, essa possibilidade de intervenção somente é indicada para os casos nos quais existe um compromisso com a mudança por parte de ambos os cônjuges,

De modo geral, os objetivos da intervenção foram eliminar agressões da dinâmica conjugal; reestruturar crenças desadaptadas; promover a responsabilidade dos cônjuges tanto por sua segurança quanto pela autoria e consequências das agressões; desenvolver estratégias de resolução de conflitos mais adequadas e promover padrões de comportamentos mais adaptativos (BECK, 1995; O'LEARY; HEIMAN; NEIDIG, 1999). Além disso, alguns dos principais pontos da intervenção estão relacionados à comunicação e à assertividade, posto que, muitas das vezes, os episódios de violência se iniciam em virtude de alguma confrontação verbal entre os casais (O'LEARY; HEIMAN; NEIDIG, 1999).

Ademais, conforme Dattilio (2011), é primordial, no início da intervenção, avaliar os riscos à segurança e integridade física das mulheres que estão em um relacionamento conjugal violento. Outro ponto a se ressaltar é a importância do estabelecimento de um plano de segurança para essas mulheres (D'AFFONSECA; WILLIAMS, 2017). Nele, as mulheres devem ter clareza sobre o que ela deve fazer e para onde ela deve ir no caso da irrupção de novos episódios de agressão, além de serem estimuladas a discriminar aspectos ambientais que possam denunciar a iminência da violência, como o consumo de bebida alcoólica por parte do parceiro (HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010). Na série, Celeste aluga e mobília um apartamento. Contudo, essa não é a realidade de muitas mulheres que passam pela situação de violência conjugal. Estudos apontam uma relação entre baixa renda e violência contra mulheres (GARCÍA-MORENO, *et al.*, 2005; GOMES *et al.*, 2013; KRUG *et al.*, 2002). Sendo assim, é importante considerar tanto a dependência econômica quanto a pouca disponibilidade de recursos financeiros dessa mulher quando o plano de segurança for elaborado. De outro modo, a situação econômica de Celeste ilustra que a violência conjugal assola a sociedade sem fazer distinção de classe social (KRUG *et al.*, 2002).

Em sessão com o homem, a avaliação do risco à segurança da parceira e um plano de segurança também devem ser elaborados. O plano de segurança, nesse cenário, diz respeito às estratégias que o perpetrador pode assumir se perceber que irá expressar sua raiva de forma violenta, como o *time-out*, baseado na ideia de que o perpetrador da violência se distancie da parceira por um determinado tempo para que eles possam dialogar em outro momento (HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010). Tais alternativas devem ser pensadas de modo que se possa maximizar a segurança da mulher e daqueles que estejam com ela, como os filhos, no caso do seriado em análise.

Um aspecto importante na intervenção proposta para violência conjugal é a promoção de responsabilidade tanto do homem quanto da mulher acerca das agressões que comete ou de quais formas existe a contribuição para a manutenção dos abusos, tendo em vista uma tendência do casal em minimizar, negar ou externalizar as causas da violência, tal qual o caso do casal Wright, no presente estudo (D’AFFONSECA; WILLIAMS, 2017; DATTILIO, 2011; HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010; O’LEARY; HEIMAN; NEIDIG, 1999). Para tanto, a compreensão do modelo cognitivo-comportamental é imprescindível, tendo em vista que a abordagem reforça a ideia sobre as responsabilidades de cada cônjuge tanto na dinâmica conjugal atual quanto no processo de mudança (CARDOSO, 2018; DATTILIO, 2011). Ao compreender como as cognições afetam as emoções e comportamentos (e vice-versa), descontrói-se a ideia de que a agressão é resultado de um impulso incontrolável, mas sim uma consequência que tem antecedentes e que eles podem ser discriminados e manejados.

Por fim, destaca-se a importância do monitoramento da relação entre o homem e a mulher nos casos em que há a dissolução do laço conjugal, tendo em vista que as mulheres têm o dobro de chances de serem mortas após a separação do perpetrador da violência (HALKET, *et al.*, 2013). De outro modo, se a intervenção obtiver êxito na reversão do quadro de violência conjugal, torna-se relevante, no *follow-up*, que o terapeuta incentive a manutenção dos comportamentos e habilidades adquiridos e, principalmente, identifique se crenças desadaptadas que possam ocasionar posteriores episódios de violência ou contribuir com a manutenção de padrões comportamentais abusivos foram reativadas (HAMBERGER; HOLTZWORTH-MUNROE, 2010).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados neste estudo serviram para reforçar os achados na literatura, considerando a violência conjugal como um grande ciclo de episódios com agressões físicas, psicológicas, sexuais, sentimento de culpa, esperança de mudança e fases de “lua-de-mel”. Destaca-se que, quando não há intervenção ou quando ela ocorre somente com uma das partes, como no caso em tela, o desfecho dessa dinâmica conjugal pode ser dramático.

A presente apresentação permitiu que os conceitos da Terapia Cognitivo-Comportamental pudessem ser aplicados e analisados, a partir dos personagens da série *Big Little Lies* (HBO, 2017). Além disso, foi possível identificar os processos cognitivos relacionados à vida conjugal e à violência conjugal contra as mulheres, bem como as variáveis que se relacionam com o estabelecimento e manutenção das agressões. Outra questão abordada, através do exame dos personagens, diz respeito aos fatores que influenciam a decisão das mulheres de permanecer em relacionamentos cujas dinâmicas são coercitivas e prejudiciais.

A análise da série indicou uma predominância da violência física na dinâmica conjugal, seguida pela violência psicológica e uma baixa frequência de violência sexual. Outrossim, o estudo possibilitou a visualização da violência, nas relações conjugais, como um *continuum* de comportamentos agressivos, que acontecem desde a humilhação até o espancamento. A interação dos personagens também tornou possível analisar como as estratégias de enfrentamento dos casais são importantes para a satisfação conjugal ou como desempenham papel fundamental na dissolução dos laços matrimoniais.

A aplicação do questionário com especialistas em terapia cognitivo-comportamental e violência, teve como objetivo responder questões relacionadas aos processos cognitivos do casal, à violência, às consequências dessa dinâmica conjugal e às intervenções que podem ser propostas nesses casos. Esse contato contribuiu para que a avaliação cognitiva do casal pudesse ser preenchida e para a construção de possibilidades de intervenções coerentes com a situação problemática da violência. Outro aspecto abordado com o questionário foi a reflexão acerca dos limites éticos da intervenção, já que, em virtude da complexidade do tema, alguns cuidados não podem deixar de ser tomados, como a avaliação da segurança da mulher.

Estudos nessas linhas são importantes, pois permitem discussões e aproximações com realidades que prosseguem encobertas, na sociedade. Ademais, permite que estudantes e terapeutas iniciantes tenham direcionamentos sobre soluções e problemáticas que podem vir a enfrentar como terapeuta de casais. Ressalta-se que o estudo teve algumas limitações, como o número de juízes a responderem o questionário, já que se refere a uma temática extremamente específica (terapia cognitivo-comportamental e violência conjugal) ainda em expansão no Brasil, principalmente em São Luís (MA). Sugere-se que, em estudos futuros, tal aspecto seja levado em consideração.

A ausência e dificuldade ao acesso de publicações com a temática “intervenção cognitivo-comportamental para casos de violência conjugal contra as mulheres”, mas que tivessem como objetivo a reversão do quadro, foi um fator que se colocou como adversidade na construção do presente trabalho. Desse modo, a construção das possibilidades de intervenção acabou se restringindo a uma literatura escassa. Não obstante, o trabalho se mostra inovador, posto que contribui para sanar uma lacuna teórica e propõe intervenções. Além disso, é pertinente destacar a contribuição do estudo para a psicoeducação por meio de filmes e séries, já que a pesquisa se utiliza de um casal fictício cujo padrão interacional violento está bem próximo da realidade de muitos cônjuges.

Outra limitação identificada diz respeito ao fato de que não foi possível se aprofundar nas histórias de vida antes e após o casamento dos personagens, uma vez que se trata de uma obra ficcional. Nesse sentido, a história de vida de Perry precisou ser hipotetizada, com base em escassos elementos que a série trouxe ao telespectador. De igual forma, a história de vida de Celeste não pôde ser contemplada em sua totalidade, ainda que a série tenha trazido mais elementos do que para o primeiro personagem. É possível que muitos questionamentos sejam sanados com a estreia da segunda temporada da série.

De outro modo, a análise da série a partir dos pressupostos da Terapia Cognitivo-Comportamental proporciona o aprendizado sobre os conceitos e intervenções inerentes à abordagem. Em relação a isso, as aplicações teóricas feitas nesse estudo permitiram a construção de exemplos de distorções cognitivas aplicadas à vida a dois. Sendo assim, sugere-se que estudos futuros possam discutir as distorções cognitivas predominantes na dinâmica conjugal e quais os desdobramentos delas para a satisfação conjugal.

A obra ficcional também propicia a ilustração de conceitos relativos à violência conjugal e por parceiro íntimo contra as mulheres, como o ciclo da violência proposto por Walker (2009). Sugere-se, assim, a apresentação de momentos específicos da série para trabalhar com casais conceitos como a importância da comunicação, a importância das estratégias de enfrentamento e o próprio ciclo da violência, se for o caso.

Por fim, acredita-se que mais estudos poderão ampliar o conhecimento sobre as intervenções para casos de violência conjugal, visto que ainda é uma área carente em intervenções que visem reversões de quadros de violência. Além disso, por essa pesquisa se tratar de um estudo teórico, sugere-se a aplicação das possibilidades de intervenção elaboradas, de modo a verificar sua eficácia.

REFERÊNCIAS

- AIQUIPA-TELLO, J. Dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia de pareja. **Revista de Psicología**, v. 33, n. 2, p. 412-437, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-92472015000200007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- ALENCAR-RODRIGUES, R.; CANTERA, L. Violencia de género en la pareja: una revisión teórica. **Psico**. Porto Alegre: PUCRS, v. 43, n. 1, pp. 116-126, 2012. Disponível em: <http://www.conductitlan.org.mx/15_conflictosdepareja/Materiales/ViolenciaDeGenero.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2018.
- ALGARVES, C. P. **Esquemas iniciais desadaptativos de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo**. 2018. 71 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão. 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/2331>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- ALVIM, S; SOUZA, L. Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. **Psico. Teor. Prát.**, v. 7, n. 2, p. 171-206, 2005. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1041/759>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- ARNTZ, A. Pathological dependency: distinguishing functional from emotional dependency. **Clinical Psychology: Science And Practice**, v.12, n. 4, p. 411-416, 2005. Disponível em: <<http://doi:10.1093/clipsy/bpi051>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- AVANCI, J.; PINTO, L.; ASSIS, S. Atendimento dos casos de violência em serviços de urgência e emergência brasileiros com foco nas relações intrafamiliares e nos ciclos de vida. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2825-2840, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902825&lng=em&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BAIGORRIA, J. et. al. Prevalências e fatores associados da violência sexual contra a mulher: uma revisão de literatura. **Rev. Salud. Pública**, v. 19, n. 6, p. 818-826, 2017. Disponível em: <<http://doi.org/10.15446/rsap.V19n6.65499>>. Acesso em: 8 ago. 2018.
- BALDUÍNO, R. C. P.; ZANDONADI, A. C.; OLIVEIRA, E. S. Violência doméstica: fatores implícitos na permanência em situação de sofrimento. **Rev. Farol**, v. 3, n. 3, p. 111-125, 2017. Disponível em: <<http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/39>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- BAUCOM, D. et al. Cognitive-behavioral couple therapy. In.: GURMAN, A. **Clinical handbook of couple therapy**. The Guildford Press: New York, 2008. p. 31-72.
- BARBOSA, L. M.; PIOVESAN, A.; BARLETTA, J. B. Terapia de casais na perspectiva cognitivo-comportamental. **Cadernos de graduação – Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 11, n. 11, p. 149-165, 2010.

BEAVOUIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BECK, A. T. **Con el amor no basta**. Madrid: Espasa Libros, 1995.

BECK, A. T.; ALFORD, B. A. **Depressão: causas e tratamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BECK, J. S. **Terapia cognitiva-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BIG Little Lies. **Direção:** Jean-Marc Vallée. **Produção:** Blossom Films. Estados Unidos: HBO, 2017. Disponível em: <<http://www.hbogo.com.br>>.

BRANDL, B. et al. Feeling safe, feeling strong: support groups for older abused woman. **Violence Against Woman**, n. 9, v. 12, p. 1490-1503, 2003. Disponível em: <<https://doi-org.ez14.periodicos.capes.gov.br/10.1177/1077801203259288>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 6 ago. 2018.

BRASIL. **Decreto n. 1.973**, de 1 de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm>. Acesso em: 8 ago. 2018.

BRASIL. **Lei do Femicídio**. Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

BRASIL. **Lei Nº 8971**, de 29 de dezembro de 1994. Regula o direito dos companheiros a alimentos e à sucessão. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8971.htm>. Acesso em: 6 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BRASIL. Secretária Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher. **Política nacional de enfrentamento à violência contra a mulher**. Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORNSTEIN, R. The complex relationship between dependency and domestic violence converging psychological factors and social forces. **American Psychologist**. v. 61, n. 6, 595–606, 2006. Disponível em: <<http://10.1037/0003-066X.61.6.595>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

BUTION, D. WECHSLER, A. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literature. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: <<http://DOI:10.5433/2236-6407.2016v7n1p77>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CALVETE, E.; ORNE, I. Cognitive mechanisms of transmission of the violence: exploring gender differences among adolescents exposed to Family violence. **The journal of family violence**. v. 28, p. 73-84, 2013. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10896-012-9472-y>>. Acesso em: 18 maio 2018.

CARDOSO, B. L. A. Foi apenas um sonho: análise, conceitualização e treinamento de habilidades sociais conjugais. In: B. L. A. CARDOSO; J. B. BARLETTA (org.). **Terapias cognitivo-comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018. p. 403-426.

CARDOSO, B. L. A. **Uma proposta de intervenção cognitivo-comportamental focada em habilidades sociais conjugais**. Monografia (Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental) – Instituto WP/FACCAT. Fortaleza, Ceará, 2016.

CARDOSO, B. L. A.; BARLETTA, J. B. **Terapias cognitivo-comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018.

CARDOSO, B. L. A.; BERTHO, M. A. C.; PAIM, K. Até que a morte nos separe: a contribuição da cultura para manutenção de esquemas iniciais desadaptativos em relacionamentos abusivos. In: PAIM, K.; CARDOSO, B. L. A. (Org.). **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2019, cap. 9, p. 146-164.

CARDOSO, B. L. A.; COSTA, N. Desenvolvimento de habilidades sociais em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: um estudo teórico. **Interação em Psicologia**, 2019a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.53789>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

CARDOSO, B. L.; COSTA, N. Marital Social Skills and Marital Satisfaction of Women in Situations of Violence. **Psico-USF**, v. 24, n. 2, p. 299-310, 2019b. Acesso em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240207>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CARDOSO, B. L. A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades Sociais Conjugais: uma revisão da literatura nacional. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.19, n. 2, p. 124-137, 2017. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/1036>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CARDOSO, B. L. A.; NEUFELD, C. B. Conceitualização cognitiva para casais: um modelo didático para formulação de casos em terapia conjugal. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 172-186, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v22n2/v22n2a12.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2019.

CARDOSO, B. L. A.; PAIM, K. **Terapias cognitivo-comportamentais para casais e famílias**: bases teóricas, pesquisas e intervenções. Novo Hamburgo: Sinopsys, no prelo.

CARVALHO, J. R.; OLIVEIRA, V. H. Violência doméstica e seu impacto no mercado de trabalho e na produtividade das mulheres. **Relatório executivo II – Segunda Onda – 2016 da PCSVDFMulher**. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/11/violencia_domestica_geracoes_out_17.pdf. Acesso em: 8 jan. 2018.

CEZARIO, A.; CARVALHO, L.; LOURENÇO, L. Violência Contra o Homem Perpetrada por Sua Parceira: Perspectivas de Psicólogos e Assistentes Sociais. **Psico. Pesq.**, v. 10, n. 1, p. 76-84, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.24879/201600100010049>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

COLOSSI, P.; FALCKE, D. Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. **Psico**. Porto Alegre: PUCRS, v. 44, n. 3, p. 310-318, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/11032/10404>>. Acesso em: 20 nov. 2017

COLOSSI, P.; FALCKE, D. Violência conjugal: prevalência e fatores associados. **Contextos Clínicos**, v. 8, n. 1, p. 55-66, 2015. Disponível em: <<http://doi:10.4013/ctc.2015.81.06>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

CORDIOLI, A. V. A terapia cognitivo-comportamental no transtorno obsessivo-compulsivo. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 30, supl. 2, p. 65-72, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000600003&lng=en&nrm=iso>. Acesos em: 12 dez. 2018.

COSTA, C.; MOSMANN, C. Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: percepções de um grupo focal. **Rev. Psico.**, v. 46, n. 4, p. 472-482, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20606>>. Acesso em: 18 maio 2019.

COUTO, J. M. de. **Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro**. 2013. 64 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal, 2013. Cap. 2. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/6245>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

D’AFFONSECA, S. M. WILLIAMS, L. C. Terapia cognitivo-comportamental em grupo para mulheres vítimas de violência e seus parceiros agressores. In.: NEUFELD, C. B.; RANGÉ, B. P. **Terapia cognitivo-comportamental em grupos**. Porto Alegre: Artmed, 2017, cap. 10, p. 192-211.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2019.

DATASENADO. Violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Senado, 2017. Disponível em: <<http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2017/06/VIOL%C3%80NCIA-DOM%C3%89STICA-E-FAMILIAR-CONTRA-A-MULHER-2017.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

DATTILIO, F. M. Casais e família. In: KNAPP, P. (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 377-401.

DATTILIO, F. M. **Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DATTILIO, F. M. Reestruturação de esquemas familiares. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, v. 2, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jul. 2019.

DELATORRE, M.; HAMEISTER, B.; WAGNER, A. Conflitos conjugais: possibilidades de resolução. In: WAGNER, A.; MOSMANN, C.; FALCKE, D. (Org.). **Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2015, cap. 4, p. 51-68.

D’OLIVEIRA, A. F. L. P.; SCHRAIBER, L. B.; Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção. **Rev. Med.**, v. 92, n. 2, p. 134-140, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v92i2p134-140>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

DOBSON, D.; DOBSON, K. S. **A terapia cognitivo-comportamental baseada em evidências**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUCHESNE, M. et al. Evidências sobre a terapia cognitivo-comportamental no tratamento de obesos com transtorno da compulsão alimentar periódica. **Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul**, v. 29, n. 1, p. 80-92, 2007 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082007000100015>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

DURÃES, R. **Identificação de distorções cognitivas em casais e intervenção cognitivo-comportamental**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Escola Superior de Ciências Médicas e da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1600>>. Acesso em 1 jul. 2019.

DUTRA, M. L. et al. A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. **Cienc. Saúde Coletiva**, v. 18, n. 5, p. 1293-1304, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000500014&lng=em&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2019.

EĞECI, İ. S., GENÇÖZ, F. Use of cinematherapy in dealing with relationship problems. **The arts in psychotherapy**, v. 53, 64-71, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.aip.2017.02.004>>. Acesso em: 27 out. 2018.

EVANGELISTA, I. S. Mulheres em situação de violência doméstica e familiar sob risco de morte: reflexões sobre o processo de ruptura do ciclo de violência, em Teresina-PI. In: XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: 13TH. WOMEN'S WORLDS, Florianópolis, 2018. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero: 13th. Women's Worlds**. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-12. Disponível em: <http://www.enwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499460941_ARQUIVO_ArtigoCompleto_IanaraEvangelista.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

FALCKE, D. et al. Violência conjugal: em briga de marido e mulher não se mete a colher? In: WAGNER, A.; MOSMANN, C.; FALCKE, D. (Org.). **Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2015, cap. 6, p. 79-100.

FALCKE, D. et al. Violência conjugal: um fenômeno interacional. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 81-90, 2009. Disponível em: <<http://doi:10.4013/ctc.2009.22.02>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

FANG, X.; CORSO, P. S. Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 33, n. 4, p. 281-290, 2007. Disponível em: <<https://10.1016/j.amepre.2007.06.003>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FERRO, C.; CERMELE, J.; SALTZMAN, A. Current perceptions of marital rape: Some good and not-so-good news. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 23, n. 6, p. 764-779, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/0886260507313947>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

FRANKLIN, C. A.; KERCHER, G. A. The intergenerational transmission of intimate partner violence: differentiating correlates in a random community sample. **Journal of**

Family Violence, v. 23, n. 3, p. 187-199, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1007/s10896-012-9419-3>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1966.

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATTI, A. P.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamentos dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 219-227, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200009>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

GARCÍA-MORENO, C., et al. **Multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes and women's responses**. Geneva: World Health Organization, 2005.

GOMES, A. C. **Assertiva, passiva ou agressiva: como Alice se comporta no País das Maravilhas?**. 2018. 86 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão. 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/2325>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

GOMES, N. et al. Profissionais de saúde significando a permanência da mulher na relação de violência conjugal. **Rev. RENE.**, v.14, n. 3, pp. 558-567, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027991012>. Acesso em: 15 abr. 2019.

GOMES, R.; MINAYO, M. C.; SILVA, C. F. R. Violência contra a mulher. **O impacto da violência na saúde dos brasileiros**. In.: Ministério da Saúde, Secretária de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, p. 117-140, 2005. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2018.

GOTTMAN, J.; SILVER, N. **The seven principles for making marriage work: practical guide from the country's foremost relationship expert**. New York: Harmony Books, 2015.

HALKET, M. et al. Stay with or leave the abuser? The effects of domestic violence victim's decision on attributions made by young adults. **Journal of Family and Violence**, v. 29, p. 35-49, 2013. Disponível em: <<http://doi-org.ez14.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10896-013-9555-4>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

HAMBERGER, L. K.; HOLTZWORTH-MUNROE, A. Spousal abuse. In: DATTILIO, F.; FREEMAN, A. **Cognitive-behavioral strategies in crisis intervention**. New York: The Guildford Press, 2015, p. 277-299.

HELSEY, J.; HELSEY J. **Rent two films and let's talk in the morning: using popular films in psychotherapy**. 2. ed. Nova York: J. Wiley, 2001.

HENTATI, S. et al. Marital violence: prevalence and risk factors. **European Psychiatry**, v. 30, n. 1, 2015, p. 983. Disponível em: <[http://doi.org/10.1016/S0924-9338\(15\)31969-6](http://doi.org/10.1016/S0924-9338(15)31969-6)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

HIRIGOYEN, M. **Violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOUSKAMP, B.; FOY, D.W. The assessment of posttraumatic stress disorder in battered women. **Journal of interpersonal violence**, v. 6, n. 3, p. 367-375, 1991. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/088626091006003008>>. Acesso em: 23 maio 2018.

INSTITUTO AVON; DATAFOLHA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2016. Disponível em: <[http://www.institutoavon.org.br/uploads/media/1513021501211-infografico%20-%20vitimizacao%20de%20mulheres%20brasileiras%20\(2\).pdf](http://www.institutoavon.org.br/uploads/media/1513021501211-infografico%20-%20vitimizacao%20de%20mulheres%20brasileiras%20(2).pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2018.

IOP, E. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. **Visão Global**, v. 12, n. 2, p. 231-250, 2009.

JACOBUCCI, P. **Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica conjugal, que mantêm o vínculo após terem sofrido agressão**. 2004. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/310650>>. Acesso em: 8 maio 2018.

KERBAUY, R. R. Terapia comportamental cognitiva: uma comparação entre perspectivas. **Psicol. cienc. prof.**, v. 3, n. 2, p. 9-23, 1983. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jun. 2019.

KIM, J.; GRAY, J. Leave or stay? Battered women's decision after intimate partner violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 23, n. 10, p. 1465-1482, 2008. Disponível: <<https://doi-org.ez14.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0886260508314307>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

KNAPP, P. Princípios fundamentais da terapia cognitiva. In: KNAPP, P. (org). **Terapia cognitivo-comportamental na prática clínica psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 20-41.

KNAPP, P.; BECK, A. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 30, n. 2, p. 54-64, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2019.

KRUG, E. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LEAHY, R. **Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MACARINI, K. P; MIRANDA, S. M. Atuação da psicologia no âmbito da violência conjugal em uma delegacia de atendimento à mulher. **Pensando Famílias**. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p.163-178, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jul. 2018.

MAHL, A.; OLIVEIRA, L.; PICCININI, M. Violência doméstica: um grupo psicoterapêutico com agressores conjugais. **Unoesc e Ciência**, v. 7, n. 2, p. 229-238, 2016. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/10852>>. Acesso em: 5 maio 2018.

MAIA, J. M.; PADOVANI, R.; WILLIAMS, L. C. Atendimento em grupo de mulheres agredidas pelo parceiro. *In*: WILLIAMS, L. C.; MAIA, J. M.; RIOS, K. (Org.). **Aspectos psicológicos da violência**: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental. Santo André: ESETec, 2010. p. 458-476.

MARINHEIRO, A. L.; VIEIRA, E.; SOUZA, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. **Revista de Saúde Pública**. Ribeirão Preto, v. 40, n. 4, p. 604-6010, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n4/ao-5008.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

MILLER, M. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. São Paulo: Summus, 1999.

MIRANDA, M. P. M.; PAULA, C. S.; BORDIN, I. A. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Rev. Panam. Salud Publica**, v. 27, n. 4, p. 300-308, 2010. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/rpsp/2010.v27n4/300-308/>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

MINAYO, M. C. Um fenômeno de causalidade complexa. *In*: MINAYO, M.C. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 13-24. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. *In*: NJAINE, K. et al. (Org.). **Impactos da violência na saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 21-42. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf0>. Acesso em: 8 fev. 2018.

MONTEIRO, C. F. S.; SOUZA, I. E. O. Vivência de Violência Conjugal: fatos do cotidiano. **Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 26-31, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 mai. 2018.

MONTEIRO, J.; PEREIRA, N. Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) e cinema: proposta de intervenção a partir de “Frozen” “Parcialmente Nublado/Partly Cloudy”. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 17, n. 2, p. 33-45, 31

maio 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v17i2.748>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MOSMANN, C.; FALCKE, D. Conflitos conjugais: motivos e frequência. **Rev. SPAGESP**, v. 12, n. 2, p. 5-16, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 jul. 2019.

MURTA, S. *et al.* **Libertando-se de namoros violentos**. Novo Hamburgo: Synopsis, 2014.

NEUFELD, C. B.; AFFONSO, G. FBTC: uma jornada de 15 anos em prol das terapias cognitivas no Brasil. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 9, n. 2, p. 133-199, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20130018>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

NICOLETI, E. Prefácio. *In*: B. L. A. CARDOSO; J. B. BARLETTA (Org.). **Terapias cognitivo-comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018. p. 403-426.

NORGREN, M. *et al.* Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 575-584, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

OLIVEIRA, D. C.; SOUZA, L. Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, p. 34-46, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v6n2/v6n2a04.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

O'LEARY, K. D. Couple therapy and physical aggression. *In*: GURMAN, A. **Clinical handbook of couple therapy**. The Guildford Press: New York, 2008, cap. 16, p. 478-498.

O'LEARY, K. D.; HEYMAN, R.; NEIDIG, P. Treatment of wife abuse: a comparison of gender-specific and conjoint approaches. **Behavior Therapy**, v. 30, p. 475-505, 1999. Disponível em: <<http://005-7894/99/0475-050551,0>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial de prevenção à violência**. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2014.

PADOVANI, R.; WILLIAMS, L. A. Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 13-17, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a03.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PAIM, K.; CARDOSO, B. L. A Modos esquemáticos individuais e o ciclo de modos conjugal. *In*: PAIM, K.; CARDOSO, B. L. A. (org.). **Terapia do esquema para casais**: base teórica e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2019, cap. 4, p. 45-59.

PAIM, K.; MADALENA, M.; FALCKE, D. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2019.

PAIXÃO, G. et al. Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: percepções de homens processados criminalmente. **Rev. Bras. Enferm.**, v.71, n. 1, p. 190-196, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. *In*: MODENA, M. (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. cap. 1, p. 8-21. Disponível em: <http://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

PEÇANHA, R. **Desenvolvimento de um protocolo piloto com casais**. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/es/pte-34681>>. Acesso em 03 jun. 2018.

PEÇANHA, R. F.; RANGÉ, B. P. Terapia cognitivo-comportamental com casais: uma revisão. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v. 4, n. 1, 2008. 11 p. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 maio 2018.

PLESSIS, K.; CLARKE, D. Couples' helpful, unhelpful and ideal conflict resolution strategies: secure and insecure attachment differences and similarities. **Interpersona**, v. 2, n. 1, p. 65-88, 2008. Disponível em: <https://abpri.files.wordpress.com/2010/12/interpersona-21_3.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2019.

POWELL, V. B. et al. Terapia cognitivo-comportamental da depressão. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 30, p. 73-80, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000600004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2019.

RAZERA, J.; CENCI, C.; FALCKE, D. Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. **Rev. de Psic. da IMED**, v. 6, n. 1, p. 47-5, 2014. Disponível em: <<http://10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n1p47-51>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

RAZERA, J.; FALCKE, D. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. **Psic. Clin.**, v. 29, n. 3, p. 543-562, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2019.

REIMER, I. R.; SOUZA, C. Um pouco acerca da violência e injustiça: apresentação. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 166-171, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224 /frag.v28i2.6631>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

REYES, A. N.; FERMANN, I. L. Eficácia da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade generalizada. **Rev. bras.ter. cogn.**, v. 13, n. 1, p. 49-54, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ROBERTS, A. L., et al. Witness of intimate partner violence in childhood and perpetration of intimate partner violence in adulthood. **Epidemiology**, v. 21, n. 6, p. 809-818, 2010. Disponível em: <<http://doi:10.1097/EDE.0b013e3181f39f0>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

ROSA, L; FALCKE, D. Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. **Rev. SPAGESP**, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2019.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

RUBENSTEIN, J. L.; FELDMAN, S. S. Conflict-resolution behavior in adolescent boys: Antecedents and adaptational correlates. **Journal of Research on Adolescence**, v. 3, n. 1, p. 41–66, 1993. Disponível em: <http://10.1207/s15327795jra0301_3>. Acesso em: 18 maio 2019.

SAMBISA, W., et al. Prevalence and correlates of physical spousal violence against women in slum and nonslum areas of urban Bangladesh. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 26, n. 13, p. 2592–2618, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0886260510388282>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SANTINI, P. M; WILLIAMS, L. C. Efeitos de procedimentos para maximizar o bem-estar e a competência parental de mulheres vitimizadas. **Estudos de psicologia**, v. 4, n. 33, p. 711-721, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000400711&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 mar. 2019.

SANTOS, B. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Rev. Exame**, 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

SANTOS, P. et al. Família, violência e transgeracionalidade: um estudo de caso. **AGIR – Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas**, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36271516/PSantos.pdf?response-content-disposition=inline>>.

SARDINHA, A.; FALCONE, E.; FERREIRA, M. As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**,

v. 25, n. 3, p. 395-402, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a13v25n3>>. Acesso em: 8 out. 2018.

SCHRAIBER, L. B., et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 5, p. 797-807, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000500014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violência contra a mulher: interfaces com a saúde. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v.3, n.5, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32831999000200003>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SINCLAIR, D. **Understanding wife assault: a training manual for Counsellors and Advocates**. Toronto: Ontario Government Publications Services, 2010.

SILVA, L.; COELHO, E.; CAPONI, S. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface**, v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 jul. 2019.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Sobre o conceito de violência: distinções necessárias. In: WILLIAMS, L.C.A.; MAIA, J.M.D.; RIOS, K.S.A. (Org.) **Aspectos psicológicos da violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental**. Santo André: ESETec, 2010. p. 41-66.

STÖCKL, H. et al. The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review. **The Lancet**, v. 382, n. 9895, p. 859-865, 2013. Disponível em: <[http://10.1016/S0140-6736\(13\)61030-2](http://10.1016/S0140-6736(13)61030-2)>. Acesso em: 8 ago. 2018.

STRAUS, M. A.; YODANIS, C. L. Corporal punishment in adolescence and physical assaults on spouses in later life: what accounts for the link? **Journal of Marriage and Family**, v. 58, n. 4, p. 825-841, 1996. Disponível em: <<http://search-ebSCOhost-com.ez14.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=9701124137&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

TELES, M.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

(UNFPA) FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Direitos da mulher: prevenção à violência e ao HIV/Aids**, 2011. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/cartilha_direitos_mulher.pdf. Acesso em: 8 ago. 2018>.

VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

VASCONCELOS, V. N. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. **Revista Ártemis**, v. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

VELOPULOS, C. G., et al. Comparison of male and female victims of intimate partner homicide and bidirectionality: an analysis of the national violent death reporting system. **Journal of Trauma and Acute Care Surgery**, 2019. Disponível em: <<http://10.1097/TA.0000000000002276>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

VENTURI, G.; RECAMÁN, M. As mulheres brasileiras no início do Século XXI. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05629-introd.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

VILLA, M.; DEL PRETTE, Z. Marital satisfaction: the role of social skills of husbands and wives. **Paidéia**, v. 23, n. 56, p. 379-388, 2013. Disponível em: <<http://doi:10.1590/1982-43272356201312>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

WAGNER, A.; MOSSMANN, C.; FALCKE, D. **Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php. Acesso em: 11 jan. 2018.

WALKER, L. **The battered woman syndrom**. 4 ed. New York: Springer Publishing Company, 2009.

WENZEL, A. **Inovações em terapia cognitivo-comportamental: intervenções estratégicas para uma prática criativa**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. Geneva: World Health Organization, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World health statistics: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. Geneva: World Health Organization, 2018.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DA SÉRIE *BIG LITTLE LIES* (HBO, 2017)

Big Little Lies (HBO, 2017) é uma série composta por, no ano corrente, duas temporadas. Ambas as temporadas têm 07 episódios. O seriado narra a história de três personagens principais: Celeste Wright, Madeline Mackenzie e Jane Chapman, cujos filhos fazem o jardim de infância na mesma escola. A série mostra as mazelas da vida em família de Celeste e Madeline e a história de Jane, que foi estuprada e teve o filho de seu agressor. No primeiro dia de aula, o filho de Jane, Ziggy é acusado por Amabella, uma colega de classe, de tê-la enforcado. Essa acusação foi feita na frente de várias crianças e pais e há hematomas no pescoço de Amabella. A partir de então, um intenso conflito se estabelece entre os pais da comunidade escolar: alguns querem que Ziggy saia da escola, outros não querem que seus filhos se aproximem da criança, outros acham que determinadas comoções são atitudes exageradas.

Paralelamente o telespectador é convocado a entrar na vida conjugal de Celeste Wright e Perry Wright. Nas primeiras cenas, a vida de Celeste é apresentada como se não houvesse entraves: ela tem uma bela e grande casa, tem grandes recursos financeiros e um marido afetuoso. Muitas cenas buscam passar a impressão de que o casamento de Celeste e Perry é um relacionamento satisfatório, pautado no amor e no companheirismo. Há cenas em que Madeleine, que é apresentada como melhor amiga de Celeste, e outros personagens secundários ressaltam esse fato.

Entretanto, com o desenrolar do roteiro, é exposto que Celeste é insegura e reprimida pelo marido, sendo proibida até mesmo de trabalhar. As cenas de violência são demonstradas ao leito em um *continuum*. Inicialmente, o casal se desentende em razão de discutirem se os gêmeos poderão ou não se aproximar de Ziggy. Nessa cena, Celeste ataca, verbalmente, Perry, chamando-o de infantil. Perry, então, a segura pelo braço, de modo agressivo. Posteriormente, o casal resolve ir a uma terapeuta de casais. Nessa sessão, o telespectador pode entrar um pouco no mundo de Perry, já que ele expõe suas inseguranças e seus medos com relação a Celeste e ao casamento. Porém, essa é a única sessão que Perry se faz presente. Nas outras, Celeste comparece sozinha. E a série deixa exposto os desdobramentos desse casamento para a vida da personagem: ela deixou família, amigos, cidade e largou seu emprego a pedido de Perry. Celeste também fala que o marido não gosta que ela saia muito nem tenha muitos amigos.

Em dado momento, Celeste resolve ajudar a amiga Madeleine. O prefeito da cidade censurou a apresentação de uma peça que Madeleine estava produzindo. Então,

Celeste decidi advogar para ela. Em diversas cenas Perry tenta manipular Celeste, para que ela desista de prosseguir advogando para a amiga. Com decorrer das cenas, o casamento aparentemente apaixonado é revelado como extremamente abusivo e violento.

A terapeuta de Celeste, por diversas vezes, adverte a personagem sobre os riscos que ela está correndo ao prosseguir com o relacionamento. Entretanto, Celeste minimiza ou nega a dinâmica violenta que se estabeleceu em seu relacionamento. Ela também acredita que Perry é um ótimo pai, também por isso decide continuar na relação. No entanto, nos episódios finais da temporada, Celeste descobre que quem tentou estrangular Amabella foi um de seus filhos. A partir daí, ela decide se mudar para outro lugar, com as crianças, e se separar de Perry.

Porém, um pouco antes de irem a uma festa, Perry descobre seu plano de se mudar e eles discutem. Perry diz que vai melhorar seus comportamentos e que eles devem ficar juntos. No entanto, Celeste não pretende ceder, embora os apelos do marido. Em determinado ponto da festa, Madeline, Celeste e Jane estão reunidas, em um ponto afastado da multidão. Posteriormente, Renata Klein, mãe de Amabella, se reúne com elas. Perry chega nesse momento para conversar com Celeste. Porém, Jane o reconhece como seu estuprador. Perry, então, avança para agredir as mulheres, principalmente Celeste. Elas não conseguem impedi-lo de cometer as agressões. É nesse ponto que outra personagem, Bonnie, empurra Perry e ele rola uma escadaria, morrendo.

**APÊNDICE B – CENAS DE INTERAÇÃO MAPEADAS ENTRE CELESTE
WRIGHT E PERRY WRIGHT**

Quadro 6 – Cenas de interação mapeadas entre Celeste Wright e Pwrry Wright

Interação	Número do episódio	Minutos
1	1	07:55 a 08:58
2	1	08:58 a 9:07
3	1	09:13 a 09:22
4	1	26:50 a 27:58
5	1	39:47 a 41:56
6	1	45:10 a 45:26
7	1	45:27 a 45:32
8	2	06:06 a 08:23
9	2	12:40 a 15:30
10	2	29:01 a 30:06
11	2	45:04 a 47:20
12	2	51:28 a 52:14
13	3	04:31 a 06:49
14	3	19:33 a 20:22
15	3	23:57 a 30:30
16	3	45:47 a 48:18
17	4	05:23 a 06:42
18	4	11:30 a 13:01
19	4	13:02 a 14:35
20	4	32:08 a 33:16
21	4	39:53 a 41:32
22	5	08:03 a 09:26
23	5	21:51 a 21:22
24 ³	5	26:01 a 27:17
25	5	48:03 a 48:28
26	6	03:53 a 05:24
27	6	07:00 a 08:00
28	6	18:27 a 18:49
29	6	20:28 a 21:46
30	6	32:26 a 33:16
31	6	43:41 a 44:09
32 ¹	7	01:58 a 03:18
33	7	21:15 a 22:08
34	7	24:42 a 26:35
35	7	28:17 a 30:25
36	7	32:14 a 33:21
37	7	40:22 a 40:43
38	7	43:21 a 43:24
39	7	45:44 a 47:14
40	7	53:24 a 54:24

Fonte: elaborado pela autora.

³Cenas que se construíram por meio de *flashbacks* em minutos posteriores.

APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DAS CENAS ENTRE CELESTE WRIGHT E PERRY WRIGHT

A seguir, a descrição das cenas das interações entre o casal Celeste Wright e Perry Wright. A descrição foi organizada por episódios e as cenas foram numeradas, de 01 a 40, e o início e fim da cena foram apresentados logo ao lado da numeração, no formato de minutos e segundos (a exemplo: “07:55” corresponde a sete minutos e cinquenta e cinco segundos).

EPISÓDIO 01

Cena 01 – 07:55 a 08:58

Celeste aparece em cena com os filhos gêmeos, Josh e Max, na varanda de sua casa. As crianças estão atirando em Celeste, com armas de brinquedo. Celeste pede que eles se apressem, pois eles irão para a escola. Como os gêmeos não obedecem, Celeste pede que Perry dê um jeito na situação. Perry finge atirar, com os dedos, nos gêmeos. Eles se jogam ao chão. Celeste começa a rir.

Perry: *Quem chegar primeiro ganha moedas!*

As crianças saem correndo, saindo de cena.

Perry: *Basta um pouco de dinheiro.*

Celeste: *Você é tão mau.*

Perry: *Você ama quando sou mau. Tão mau.*

Perry se aproxima de Celeste.

Celeste: *Você é... Tão mau.*

Perry: *Nós somos tão maus.*

Perry e Celeste se beijam.

Cena 02 – 08:58 a 9:07

Perry e Celeste estão se beijando enquanto uma personagem da série diz “deveria ter um limite para casais ficarem juntos” e outra personagem fala “Ele é bem mais jovem que ela”. Perry e Celeste estão se beijando. Perry diz que não quer viajar. Celeste pergunta se ele precisa mesmo ir. Ele afirma que irá, mas só por dois dias.

Cena 03 – 09:13 a 09:22

Perry e Celeste estão se beijando, e Celeste tenta se desvencilhar, sorrindo.

Celeste: *Vamos.*

O casal ainda se beija mais uma vez. Então, a câmera muda para outro ângulo, mostrando Perry tocando nos seios de Celeste, enquanto ela está segurando as duas mochilas dos filhos e tenta se desvencilhar do toque, sorrindo. A câmera novamente muda de ângulo, desta vez, focando em uma personagem, a babá dos gêmeos, que está observando a cena.

Cena 04 – 26:50 a 27:58

Perry deixa suas duas malas no chão, senta-se e observa Celeste interagindo com os gêmeos, fora da casa. É possível ouvir Celeste falando “*Olhe para mim. Tão paciente. Tão útil. Grandes sorrisos. Me deem um grande sorriso. Isso aí! Mais um grande sorriso. Apenas, olhe para mim e sorria. Mais uma foto*”. Perry surpreende Celeste, abordando-a pelas costas. Celeste indaga Perry sobre o que aconteceu, pois ele iria viajar para Viena. Perry diz que resolveu adiar a viagem para poder acompanhar os gêmeos no primeiro dia de aula. Perry e Celeste se beijam.

Cena 05 – 39:47 a 41:56

Celeste está usando o *notebook*, em uma mesa, olhando para as fotos que tirou dos gêmeos. Quando Perry toca em seu ombro e ela exprime surpresa. Eles começam a ver algumas fotos dos filhos. Em dado momento, Perry pergunta o que houve na escola, pois um dos gêmeos comentou que uma menina havia se machucado. Celeste responde que acusaram Ziggy Chapman de tentar estrangular Amabelle. Perry diz que, sendo assim, é melhor que os filhos se mantenham distantes de Ziggy, já que ele é violento. Celeste discorda. Perry reafirma que as crianças não devem ficar perto do menino violento. Celeste fala que Perry está sendo ridículo. A personagem sorri e levanta-se da cadeira, indo em direção à saída do cômodo. Perry puxa o braço da esposa, de forma agressiva e diz:

Perry: *Se eu fico aqui cuidando deles, preciso saber que você também fica.*

Celeste pede que o marido pare de tocá-la, em seguida puxa o braço e o empurra. Perry expõe uma expressão zangada.

CENA 06 – 45:10 a 45:26

Celeste e Perry estão dormindo juntos, na cama, mas não trocam palavras nem se tocam.

CENA 07 – 45:27 a 45:32

Celeste está olhando para Perry brincando com os gêmeos, na praia.

EPISÓDIO 02**CENA 08 – 06:06 a 08:23**

O carro em que a família está aparece em cena. Os gêmeos estão assistindo a um desenho em um *tablet*. Celeste está olhando para fora da janela do carro. Perry e Celeste iniciam uma conversa. Perry, então, pede desculpas pela noite anterior. A personagem responde que Perry, provavelmente, tem razão e que é melhor pecar pela segurança. Em determinado momento, Celeste dá a ideia de que o casal vá a um terapeuta, obtendo a concordância do marido.

Ao chegarem à escola dos gêmeos, Perry descobre que não entrará na escola, pois as boas vindas e orientações já foram dadas, anteriormente. Perry aparenta irritação e pergunta se não poderia ter sido avisado. Celeste diz que eles conversaram sobre isso. Perry, então, toma o *tablet* dos gêmeos, que estão no banco de trás. Ele argumenta com Celeste: “*you could have told me that it was Orientation Day...*”. Celeste o interrompe e eles ficam em silêncio.

CENA 09 – 12:40 a 15:30

Perry está fazendo as malas, no closet do casal. Sua viagem está marcada para às 17 horas. Celeste questiona os motivos de ele já pretender sair, já que ainda faltam horas para o voo. Perry diz tinha mudado seu voo para estar presente no primeiro dia de aula dos filhos, porém nem teve a oportunidade de entrar na escola. Perry fala que Celeste não o queria na orientação e que ela está fazendo pouco caso do que ele sente. Celeste diz que o marido é “*so childish*”. Perry dá um tapa em Celeste, Ela, por sua vez, revida a agressão.

Perry joga Celeste contra o guarda-roupas; Celeste machuca o ombro e aparenta estar amedrontada. O personagem pede desculpas algumas vezes, aproximando-se dela. Então, começa a beijar a barriga de Celeste. Perry diz:

Perry: *São tantas viagens, sinto que estou perdendo tanto. Eles vão crescer e eu... Desculpe, desculpe, desculpe.*

Celeste empurra Perry. Perry a segura, falando que a ama. Celeste se debate. Perry beija Celeste. A esposa pede que Perry a deixe ir. Então, Celeste abre a calça de Perry e eles têm relações sexuais. Perry é agressivo. Celeste se desvencilha rapidamente.

CENA 10 – 29:01 a 30:06

Celeste chega em casa e há flores à sua espera, com um bilhete de Perry:
“Amo você mais do que você imagina”.

CENA 11 – 45:04 a 47:20

Celeste está no banheiro, arrumando-se para dormir. Quando Perry a liga pelo *Skype*. Ele diz que está com saudades e pede para que Celeste tire seu roupão. Ela fica hesitante, entretanto resolve tirar o roupão. Quando Celeste vê um grande hematoma em seu ombro, ela se veste. Perry diz que a ama.

CENA 12 – 51:28 a 52:14

Celeste liga para Perry, através do *Skype*. Eles iniciam uma relação sexual virtual.

EPISÓDIO 03

CENA 13 – 04:31 a 06:49

Celeste e Perry estão ao ar livre, com uma fogueira acesa, tomando vinho. Perry pergunta se a família irá a alguma festa de aniversário, pois encontrou um amigo em comum que mencionou sobre todos irem ao evento. Celeste explica que, na verdade, eles irão para o *Disney on Ice*, pois Madeline comprou ingressos de última hora. Perry, então, fala: *“e eu não sou convidado para esse negócio da Disney?”*. Celeste sorri e responde que ele não quer ir, pois odeia essas coisas. Perry pergunta: *“acha que não quero passar um tempo com a minha família depois de estar fora a semana?”*. Perry sugere que eles conversem sobre essa situação. Celeste, por sua vez, tenta beijar o marido. Ele nega o beijo e sugere, novamente, o diálogo.

Perry: *O problema é que vocês iam a uma festa que eu nem sabia. Agora, você decidiu que vão a um show. Eu não sou um membro dessa família?*

Celeste: *Vamos, Perry. Às vezes, tenho que decidir as coisas se você está sempre longe...*

Perry: *Não acha que é bom para eles passar um tempo com o pai? Acha que quero ficar longe? Acha que eu gosto de ficar longe da família?*

Perry aproxima-se do rosto de Celeste e ela desvia o olhar. Perry agarra Celeste pelo pescoço. Ela expõe que está sendo machucada. Por fim, Perry diz:

Perry: *Eu estou machucando você? Sabe o quanto você me machuca? Você planeja essas coisas para evitar minha companhia?*

Perry levanta a mão para bater em Celeste, mas não o faz.

Celeste: *Eu vou deixar você... Se tocar em mim assim de novo, eu vou deixar você!*

Ao fim da cena, Perry joga a taça que está em sua mão em direção ao mar.

CENA 14 – 19:33 a 20:22

Celeste está tomando banho. Perry entra em cena, senta-se para observá-la tomar banho. Então, presenteia Celeste com um colar com joias. Nesse momento, Celeste aparenta estar surpresa com o presente. Perry diz que irá melhorar. Eles se beijam e iniciam uma relação sexual. É possível ver hematomas no braço de Celeste.

CENA 15 – 23:57 a 30:30

Celeste e Perry são recebidos por uma terapeuta.

Terapeuta: O que trouxe vocês até aqui hoje?

Com a ausência de palavras do casal, a Terapeuta diz:

Terapeuta: Tudo bem. Vocês podem falar sobre qualquer coisa. Muitos casais experienciam o fim da paixão...

Celeste: Paixão definitivamente não é o nosso problema. Se for, talvez seja o excesso dela.

Terapeuta: Como assim?

Celeste: Nós nos amamos muito.

Perry concorda.

Celeste: E, às vezes, acho que as coisas ficam muito voláteis.

Terapeuta: Voláteis como?

Celeste: Nós brigamos muito e dizemos coisas e gritamos... E tudo isso com muita raiva. Nós precisamos de ajuda para controlar a raiva.

Terapeuta: Quando você fala de raiva e volatilidade... Vocês estão falando de expressar a raiva fisicamente?

Celeste: Não, só emocionalmente... Verbalmente.

Perry: Isso não é a verdade. Depois que brigamos, frequentemente fazemos amor. Eu não sei se pode chamar de “fazer amor”. Parece ter muita raiva envolvida ali. Existe um limite entre a paixão e a raiva. E eu acho que, às vezes, nós o ultrapassamos. Às vezes.

Terapeuta: De onde você acha que essa raiva vem?

Perry: Eu não sei. Nem sei como responder a essa pergunta.

Terapeuta: Tente.

Perry: Ok... Eu acho que tenho medo de perde-la.

Terapeuta: Por que você acha isso?

Perry: Olhe para ela. Ela pode ter o homem que quiser. Se não estiver feliz comigo, terá uma fila de mil homens esperando. E, ultimamente, ela não parece feliz. E, isso, me deixa apavorado. Desde que nos conhecemos, eu tive medo e que ela me ultrapassasse.

Terapeuta: O que você quer dizer com ultrapassar?

Perry: Que ela me superasse, talvez. Que ela me descobrisse ou algo assim. Sempre tive a sensação de que chegaria o dia em que ela deixaria de me amar. E eu acho que estou procurando evidências...

Terapeutas: Evidências de que ela não ama mais você. Celeste, o que você acha do que Perry disse?

Celeste: Eu desisti da minha carreira por você. Eu... deixei minha família; deixei meus amigos; mudei para cá por sua causa. Honestamente, você acha que eu não amo você?

Perry: Há alguns dias, você disse que me deixaria.

Terapeuta: O que ocasionou isso?

Perry e Celeste ficam em silêncio, olhando-se.

Perry: Eu agarrei ela, pelos ombros... Com força. Dizer nunca houve violência é... Eu a agarrei com força; Ela disse que ira me deixar se isso acontecesse de novo.

Celeste chora.

Celeste: Ele me assustou e...

Terapeuta: Isso já tinha acontecido?

Celeste limpa as lágrimas.

Perry: Sim. Às vezes eu me descontrolo.

Terapeuta: E você, Celeste? Já se descontrolou?

Celeste: Sim. Quando é agressão física eu me defendo.

Terapeuta: E como você se sente?

Celeste: Não me sinto bem.

Terapeuta: Pode ser mais específica?

Celeste: Eu acho que eu me sinto envergonhada. Nós ficamos bravos. Nós brigamos. E, então, fazemos sexo como loucos e com muita raiva. Depois, nós acordamos... E tudo está melhor. E nós temos esse segredo obscuro.

CENA 16 – 45:47 a 48:18

Celeste está na cozinha, em frente à pia, enxugando as mãos. Perry a chama e pergunta sobre o que ela está pensando. Celeste responde que está triste porque o marido duvida do amor dela, mas está feliz porque, pela primeira vez, em um longo tempo, ela voltou a ter esperanças neles.

Perry coloca uma música para tocar e pede que a esposa dance com ele, para que possa olhá-la nos olhos, apaixonar-se e novo e sentir que ela está apaixonada também. Celeste aceita dançar. Perry pede:

Perry: *Não desista de mim, querida.*

Após isso, Celeste olha para o desenho dos filhos colados na parede. Então, beija Perry.

EPISÓDIO 04

CENA 17 – 05:23 a 06:42

Celeste está falando com Madeleine sobre ajuda-la, legalmente, com a peça. Perry pergunta sobre o que está acontecendo. Celeste pergunta se ele irá bater nela. Ele pergunta:

Perry: *Você quer que eu bata em você?*

CENA 18 – 11:30 a 13:01

Celeste está no computador. Fecha-o. Olha para um organizador de facas.

A cena muda para Perry, no closet. Ele olha um terno novo de Celeste. Diz estar preocupado com o nível de estresse. Celeste diz que está bem. Perry a relembra que quando ela trabalhava, não conseguia engravidar.

Celeste: *Não quero engravidar.*

Perry: *Só estou lembrando. A ansiedade.*

Celeste: *Conheço meu histórico. Eu não quero engravidar. Só estou tentando ajudar uma amiga. Qual o problema? Por quê isso o incomoda tanto?*

Perry: *Não é isso. Só estou tentando cuidar de você, Sparkles. Se você desmoronar de novo, quem vai levantar você? Madeline? Sou eu quem sempre está ao seu lado. Sempre estarei.*

Celeste: *É difícil quando você tenta me controlar.*

Celeste, então, deixa o cômodo.

Perry: *Mas, você retomar sua carreira...*

Celeste diz que não quer retomar sua carreira.

CENA 19 – 13:02 a 14:35

Perry diz que quer ser pai de uma menina. Celeste diz que é tarde demais, que não pode mais engravidar. No entanto, acaba cedendo às investidas do marido.

CENA 20 – 32:08 a 33:16

Perry entra em cena no exato momento que Celeste está rindo com Madeleine. Ele pergunta como foi o “tribunal”. Celeste menciona que foi ótimo, mas já acabou. Madeline faz elogios à performance de Celeste. Os gêmeos chegam. Perry diz que a “mamãe tem que relaxar com Maddie”. Madeline fala que Perry é um ótimo pai.

CENA 21 – 39:53 a 41:32

Celeste está se arrumando para uma reunião com o advogado da cidade. Diz que se a situação não se resolver hoje, irá ao tribunal. Perry diz que não quer que ela faça isso. Ela diz que a decisão não é dele. Então, ele segura ela pelo pescoço. Porém, Max chama por Celeste nesse momento. Os dois se afastam e fingem que nada aconteceu.

EPISÓDIO 05

CENA 22 – 08:03 a 09:26

Perry desistiu de ir ao jogo de tênis. Nas cenas seguintes, eles têm relações sexuais; Celeste está sangrando. É possível ver hematomas. Perry a abraça após ver um deles.

CENA 23 – 21:51 a 21:22

A família Wright está comendo, em casa, na mesa de jantar. Os gêmeos estão brincando e comendo ao mesmo tempo. Então, Celeste pede para que Perry dê um jeito na situação. Ele fala “brinquedos fora, comida para dentro”. Os gêmeos largam os brinquedos e começam a comer. Falam sobre não quererem ser adolescentes. Perry começa a brincar com os gêmeos. Eles vão buscar suas armas de brinquedo e atiram em Celeste. Perry diz que irá salvá-la.

CENA 24 – 26:01 a 27:17

Celeste está dobrando roupas. Então, Perry aparece no cômodo e diz que ela deveria ter mandado os garotos arrumarem os brinquedos – que estão espalhados pelo chão. Ele diz que não quer morar em um chiqueiro. Então, ela fala que ele arrume.

A Cena corta para Celeste ouvindo música em uma cafeteria. Mostra alguns hematomas. E a voz de Perry falando que vai mudar.

34:49 a 34:51

Perry jogando os brinquedos em cima de Celeste.

35:00 a 35:03

Celeste joga alguns brinquedos de volta em Perry.

35:12 a 35:14

Perry está socando Celeste.

35:17 a 35:19

Perry e Celeste estão mantendo relações sexuais.

35:59 a 36:01

Perry está abraçado à cintura de Celeste e ela o abraça de volta.

42:47 a 42:51

Perry está forçando a cabeça de Celeste contra uma almofada, no sofá. Ao final, Perry a permite se soltar, e Celeste se levanta respirando, fortemente.

CENA 25 – 48:03 a 48:28

Após buscar os gêmeos na escola, Celeste os leva para o aeroporto, para buscarem Perry. As crianças correm em direção ao pai. Ao ver Celeste, Perry a beija e abraça. Perry chora. No fim da cena, Perry e Celeste vão em direção à saída do aeroporto, abraçados.

EPISÓDIO 06**CENA 26 – 03:53 a 05:24**

Celeste está lendo um livro. Perry vai avisá-la que irá viajar e voltará somente em alguns dias. Ela avisa que é a estreia da peça de Madeleine e que a amiga irá ficar decepcionada. Então, Perry diz que não quer que ela vá para a peça, convidando-a para viajar consigo. Celeste nega o pedido. Diz que é importante para Madeleine. Perry diz que Madeleine está começando a irritá-lo. Celeste, então, revida: “olhe o que você está fazendo. Você que precisa viajar e ela que ficará irritada comigo”. Um dos gêmeos chama por Celeste e ela sai do cômodo. Perry fica olhando para frente.

CENA 27 – 07:00 a 08:00

Celeste está falando com Madeleine ao telefone. Elas estão conversando sobre a ideia de Jane de ver o homem que a estuprou, novamente. Celeste diz que irá falar com ela, para dissuadi-la da ideia. Madeleine, então, pergunta o que Celeste poderia falar, pois já que Jane não se identificou com sua vida, imagine com a de Celeste – que é “mais que perfeita”. Celeste responde que coisas ruins já aconteceram com ela. Nesse momento, Perry se aproxima. Celeste desliga o telefone e Perry pergunta quais coisas ruins aconteceram à vida dela – ao mesmo tempo em que ele dá a entender que quer iniciar uma relação sexual.

CENA 28 – 18:27 a 18:49

Perry entra em casa, brincando com os gêmeos. Celeste o indaga sobre o que faz em casa. Perry diz que eles têm uma peça para ir “hoje”. Celeste pergunta se ele fez isso por ela. Perry diz que sim e eles se beijam.

CENA 29 – 20:28 a 21:46

Celeste está se arrumando para ir a peça. Perry tenta seduzi-la. Celeste diz que ele precisa se arrumar, porque é importante eles irem. Celeste pergunta se Perry tomou alguma pílula ou coisa do tipo e não cede às investidas de Perry. Ele a puxa pelo cabelo. Celeste reage à agressão, tentando atingi-lo com uma raquete de tênis e acerta seu órgão sexual. Perry vai ao chão e Celeste se desespera.

CENA 30 – 32:26 a 33:16

Celeste e Perry chegam em casa, depois do hospital.

Perry: *Você tem sorte de eu não te matar. Você poderia causar um dano permanente.*

CENA 31 – 43:41 a 44:09

Perry e os gêmeos estão assistindo à TV, quando Celeste desce as escadas, arrumada para sair. Celeste se despede dos filhos. Perry pergunta para onde ela vai. Ela diz que vai jantar com Jane, sem dar mais explicações, e sai de casa.

EPISÓDIO 07

CENA 32 – 01:58 a 03:18

Celeste está deitada no chão, com os cabelos sobre o rosto, respirando alto. Perry diz que ela tem que levantar, que ela está bem, apenas perdeu o fôlego. Um dos gêmeos chama por Celeste. Perry sai correndo para que a criança não entre no quarto. E diz que Celeste não poderá leva-los a escola porque está doente. Ao voltar ao banheiro, Perry encontra Celeste ainda no chão, encolhendo-se ao seu toque.

14:02 a 14:05

Celeste se lembra da briga de mais cedo. Perry a empurra contra uma poltrona.

14:28 a 14:31

Perry enforca Celeste.

14:48 a 14:53

Perry soca Celeste e ela vai ao chão.

CENA 33 – 21:15 a 22:08

Celeste está tomando banho e Perry diz que não vai desistir até ela lhe dar um beijo. Ela o beija. Perry sorri e sai.

CENA 34 – 24:42 a 26:35

Celeste desce as escadas, fantasiada, e os gêmeos dizem que ela está linda. Max fala que está com um dente mole. Celeste o tranquiliza dizendo que a fada do dente também virá para ele e que ele é um bom garoto. Perry chega fantasiado de Elvis Presley e vai ver o dente de Max. Ele dá o celular de Celeste, avisando que a “Tracy” mandou mensagem e que iriam instalar o alarme de incêndio na segunda-feira. Celeste esboça uma expressão chocada.

CENA 35 – 28:17 a 30:25

Celeste e Perry estão dentro do carro, a caminho do baile de caridade da escola. Perry pergunta se Celeste ia contar sobre o imóvel ou se ele só saberia quando voltasse de viagem. Celeste responde que seria só na volta da viagem. Perry diz que avisou que procuraria ajuda, embora ainda não tenha feito isso. Celeste diz que é tarde demais. Então, Perry passa pelo local que será a festa. Celeste pede que ele abra a porta. Celeste conta que é Max quem tem machucado Amabelle. Perry diz que falará com Max. Celeste pergunta o que ele dirá “homens não tratam mulheres assim?”. Perry diz que os filhos nunca viram nada. Mas, Celeste contrapõe, diz que Perry não sabe disso e que se nunca viram, podem ter ouvido. “Eles sabem o que o pai faz com a mãe deles”. Perry diz que ela não pode deixa-lo. Pergunta se eles podem conversar sobre isso. Celeste diz que ele nunca irá mudar. Perry fala que irá mudar e que sabe que tem uma “loucura” dentro dele, mas que está lutando.

CENA 36 – 32:14 a 33:21

Perry pede ajuda para Celeste, porque ele está doente. Que irá fazer de tudo para melhorar. Perry fala, então, dos votos no casamento: “na saúde e na doença”. Celeste cita o restante dos votos: “ser fiel, amar e respeitar”. Então, fala sobre as agressões que sofreu. Perry diz que ela também tem sido violenta. Celeste responde que está apenas reagindo. Perry diz que eles podem mudar essa situação juntos. Então, Celeste diz que já deveria ter deixado Perry há muito tempo, mas que ficava pensando “Celeste, você consegue. Ele vai mudar. Será bom para os garotos”. Mas que, agora,

tem que ir embora pelas crianças. Renata Klein e o marido batem no vidro do carro nesse momento e Perry destrava as portas. Celeste sai do carro rapidamente.

CENA 37 – 40:22 a 40:43

Celeste está contando para Renata Klein que é Max quem esteve machucando Amabelle. Perry as interrompe. Renata diz que elas conversam depois. Assim que Renata sai, Perry pergunta sobre o que elas estavam conversando e pede para que voltem ao carro.

CENA 38 – 43:21 a 43:24

Perry está tentando puxar Celeste pelo braço, mas ela consegue se desvencilhar e sai de perto dele.

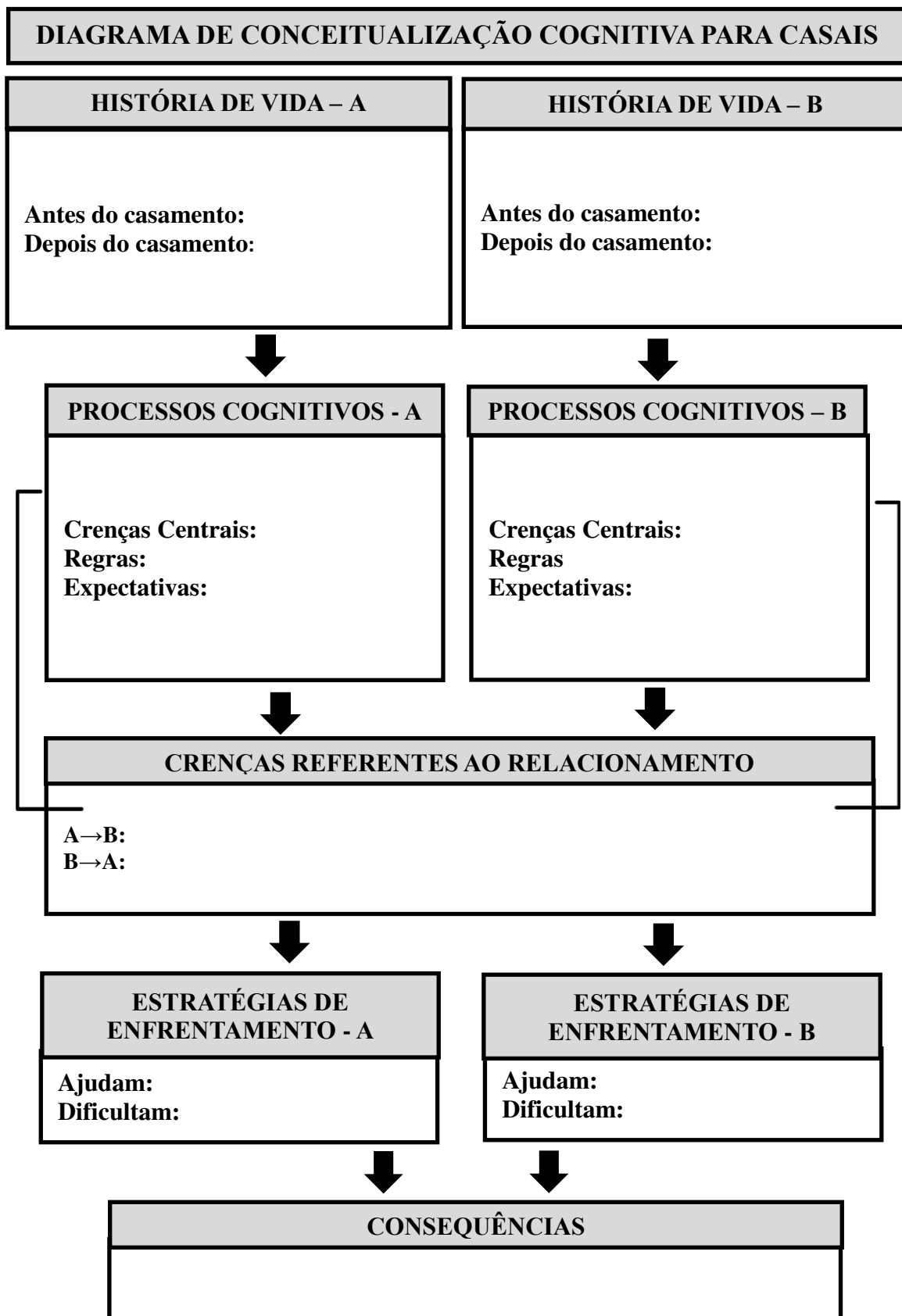
CENA 39 – 45:44 a 47:14

Perry segue Celeste e pede para que eles voltem ao carro, para conversar. Celeste nega. Perry insiste.

CENA 40 – 53:24 a 54:24

Perry, após reconhecer Jane, avança contra Celeste para agredi-la fisicamente. Então, Madeline, Jane e Renata tentam defende-la, mas são agredidas também. Perry consegue chutar Celeste diversas vezes, quando Bonnie empurra Perry e ele rola uma escadaria, morrendo.

ANEXO A – DIAGRAMA DE CONCEITUALIZAÇÃO COGNITIVA PARA CASAIS (CARDOSO, 2018)



ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM ESPECIALISTAS

DESCRIÇÃO DA SÉRIE

Big Little Lies (HBO, 2017) narra a história de três mães: Celeste Wright, Madeline Mackenzie e Jane Chapman, cujos filhos fazem o jardim de infância na mesma escola. A série mostra as mazelas da vida em família de Celeste e Madeline e a história de Jane, que é mãe solteira. Ao chegar na cidade, o filho de Jane é acusado de enforcar uma colega de classe, Amabelle. A partir de então, um intenso conflito se estabelece entre as mães da comunidade escolar. Paralelamente a esses acontecimentos, o telespectador é convocado a entrar na vida conjugal de Celeste Wright e Perry Wright. Nos primeiros episódios, a vida de Celeste é apresentada como se não houvessem entraves – tal fato sendo, inclusive, expressado verbalmente por Madeleine, personagem que é apresentada como melhor amiga de Celeste. Entretanto, com o desenrolar da trama, é exposto que Celeste é reprimida e violentada, de diversas formas, pelo marido, sendo proibida até mesmo de trabalhar. O casamento de Celeste e Perry é revelado como abusivo e violento. O telespectador presencia cenas de agressões, seguidas a pedidos de perdão e, às vezes, relações sexuais que transmitem agressividade. Perry também presenteia Celeste com joias ou planeja noites especiais para o casal após os episódios de agressão. Em outro momento, Celeste agride Perry em resposta a ele querer força-la a iniciar uma relação sexual. Nessa cena, Celeste atinge o pênis de Perry com uma raquete e eles precisam ir ao hospital. Posteriormente, Perry ameaça matar Celeste. Em uma das últimas cenas, Celeste está no chão do banheiro de sua casa, pois foi atingida por socos e pontapés, trazendo consequências para seus filhos, como a emissão de comportamentos agressivos na escola.

Episódio 01. Minuto 41 e 27 segundos. Perry e Celeste discutem sobre a possibilidade de seus filhos serem amigos de uma criança do jardim de infância, Ziggy. Ziggy é filho de Jane, uma amiga de Celeste, que é nova na cidade. Ziggy foi acusado por Amabelle, outra criança da escola, de tê-la enforcado.

Perry: *Não quero os dois perto dele.*

Celeste: *Você está sendo ridículo* – ri e começa a se afastar para sair do cômodo.

Perry puxa Celeste pelo braço, de forma agressiva.

Perry: *Os meninos ficarão longe dele!*

Celeste: *Tire suas mãos de mim!*

Perry: *Se eu fico aqui cuidando deles, preciso saber que você também fica.*

Celeste: *Pedi para você tirar as mãos de mim – puxa o braço e o empurra.*

Perry está com uma expressão facial raivosa.

Minuto 45 e 10 segundos. Celeste e Perry dormem juntos, mas não conversam sobre o conflito, também não falam sobre outros assuntos nem se tocam.

01. Quais exemplos de estratégias de enfrentamento negativas para o relacionamento você pode elencar nessa cena?

Episódio 02. Minuto 12 e 37 segundos. Ao deixar os dois filhos na escola, junto de Celeste, Perry descobre que a reunião entre os pais e a escola foi no dia anterior. Por causa disso, Perry demonstra irritação. Já em casa, Perry faz as malas para que possa sair as 11h30 para uma viagem que é as 17h.

Celeste: *Isso é sério?*

Perry: *Mudei meu voo para estar aqui no primeiro dia de aula e nem posso entrar no prédio.*

Celeste: *Eu entendo, mas...*

Perry: *E você ainda faz pouco caso do que sinto?*

Celeste: *Não é pouco caso. Eu só não quero que me culpe.*

Perry: *Sabe o que eu acho? Acho que você não queria para eu estar na orientação. Não quis dividir a ocasião. Era só para a mamãe e seus filhos.*

02. Quais as distorções cognitivas podemos indicar como pertencentes a Perry nessa cena?

- () Leitura mental
- () Raciocínio emocional
- () Rotulação
- () Supergeneralização
- () Filtro negativo
- () Atribuição de culpa
- () Pensamento dicotômico

Episódio 03. Minuto 45 e 50 segundos. Na cozinha, Perry indaga Celeste sobre o que ela está pensando. Celeste diz que não consegue decidir se está feliz ou triste naquele momento. Explica que está triste porque seu marido duvida de seus sentimentos por ele, entretanto também está feliz porque, após irem a uma primeira sessão de terapia para casais, voltou a ter esperanças sobre o futuro do relacionamento. Perry coloca uma música para tocar e a convida para uma dança. Fala que quer abraçá-la, se apaixonar por ela e sentir que ela está apaixonada por ele. Por fim, pede que Celeste não desista dele. Celeste não se expressa verbalmente, mas olha diretamente para os desenhos que os filhos colaram na parede.

03. Quais os possíveis pensamentos de Celeste nesse momento?

Episódio 04. Minuto 11 e 43 segundos. Perry olha para um terno novo de Celeste, pendurado no closet. E fala:

Perry: Estou preocupado com seu nível de estresse.

Celeste: Estou bem.

Perry: Você não conseguia engravidar quando trabalhava. Os médicos disseram que era...

Celeste: Não quero engravidar.

Perry: Só estou lembrando. A ansiedade.

Celeste: Sim, eu conheço meu histórico. Não estou tentando engravidar. Só estou tentando ajudar uma amiga. Qual o problema? Por que você se incomoda tanto com isso?

Perry: Só estou cuidando de você. Se você desmoronar de novo, quem vai cuidar de você? A Madeleine? Sou eu quem está sempre ao seu lado. Sempre estarei.

Celeste: Fica difícil com você tentando me controlar!

04. Quais crenças centrais são possíveis de indicar como pertencentes a Perry?

- a) Desamor;
- b) Desvalor;
- c) Desamparo.

Episódio 04. Minuto 45 e 32 segundos. Celeste está na sala de sua terapeuta para casais. E diz:

Celeste: Minha preocupação é com a reação dele a eu voltar a trabalhar (...). Ele disse que estava com medo de que eu o ignorasse. Receio que ele veja como uma rejeição (...). Ele quer que eu fique em casa com os gêmeos (...). Ele não gosta que eu tenha muitos amigos.

05. Quais os possíveis pensamentos envolvidos nas tentativas de Perry de controlar o comportamento de Celeste, baseado no relato dela para a terapeuta?

Episódio 06. Minuto 11 e 53 segundos. Celeste está na sala de sua terapeuta para casais.

Celeste: Ele anda muito carinhoso. Muito apegado a mim. Isso significa que ou ele se sente inseguro ou eu que estou com o poder. Algumas vezes ele tem o poder, outras vezes eu tenho. É como uma gangorra.

Terapeuta: Quando você tem o poder? Quando ele te bate?

Celeste: Sim, quando ele me machuca, fico em vantagem. Quanto mais ele me machuca, mais tempo tenho até ele... Ele tem sido muito amável esses dias.

Terapeuta: Mas, em algum momento, ele recupera o poder.

Celeste: Normalmente, quando os hematomas somem e ele não se sente tão culpado, tão inseguro. E tudo acontece de novo.

06. Quais fatores (sociais, cognitivos e emocionais) tendem a manter as mulheres em um ciclo violento no relacionamento?

Sociais: _____

Cognitivos: _____

Emocionais: _____

Episódio 06. Minuto 14 e 37 segundos. Celeste está na sala de sua terapeuta para casais. A terapeuta pergunta se ela já contou para alguém sobre os abusos presentes no relacionamento com Perry. Celeste, então, responde:

Celeste: *Não. Talvez a minha autoestima dependa de como as pessoas me veem.*

07. Quais crenças podem estar associadas a essa forma de pensar?

- a) Desamparo
- b) Desvalor
- c) Desamor

08. De que forma essa crença central pode contribuir com a permanência de Celeste no relacionamento abusivo?

Episódio 07. Minuto 24 e 38 segundos. Antes de ir a uma festa à fantasia, Perry desce as escadas com o celular de Celeste na mão. Ele informa para Celeste que chegou uma mensagem da gerente do novo imóvel dela. Perry diz que, na mensagem, consta que vão instalar o alarme de incêndio, na nova residência, na segunda-feira. Dessa forma, Perry descobre que Celeste pretende se mudar de casa.

Episódio 07. Minuto 29 e 0 segundos. Celeste e Perry estão dentro do carro conversando sobre a mudança de casa que Celeste pretende fazer, quando ela revela que Max, um de seus filhos que vinha machucando Amabelle, uma colega da escola.

Perry: Temos uma família, Celeste. Pense nos meninos.

Celeste: É o Max que tem machucado Amabella Klein. Não foi o Ziggy Chapman. Foi o Max.

Perry: Como você sabe?

Celeste: Eu perguntei, ele confirmou. E o Josh disse que era verdade.

09. De que modo presenciar a violência entre os pais pode influenciar no desenvolvimento e, posteriormente, em outros relacionamentos afetivos das crianças?

Episódio 06. Minuto 13 e 08 segundos. Celeste está sendo atendida pela terapeuta para casais. Então, a terapeuta pergunta:

Terapeuta: Quando vai deixa-lo, Celeste? Quando ele a machucar muito? Quando ele ferir as crianças? (...) Alugue um apartamento. Na cidade... se não quiser tirar as crianças da escola.

Celeste: Acho que estamos nos antecipando.

Terapeuta: Não concordo. Abasteça a geladeira. Deixe as contas pagas, as camas arrumadas para as crianças. Deixe tudo preparado para tirar o “para onde eu iria?” da equação. Você vai ter um lugar, paz de espírito, outra vida esperando caso você precise – o que nós sabemos que você irá precisar.

Celeste: Não acho que uma terapeuta deveria... Eu acho que você não deveria se comportar assim.

10. De acordo com a sua experiência e estudos sobre a temática da violência, quais as formas de intervenção (técnicas e procedimentos) são recomendados em casos de violência conjugal?
